

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

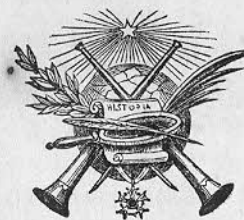
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECCÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

TOMO XX. — 1857



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

1857



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

TOMO XX.—1.º TRIMESTRE DE 1857.

MEMORIA

CHRONOLOGICA, HISTORICA E COROGRAPHICA

DA

PROVINCIA DO PIAUHY,

POR JOSÉ MARTINS PEREIRA D'ALENCASTRE.

(Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1855.)

CHRONOLOGIA.

PARTE PRIMEIRA.

1674. Domingos Afonso Mafense, e seu irmão Julião Afonso Serra, ajudados de Francisco Dias de Avila e Bernardo Pereira Gago, descobrem o Piauby.

1695. Desmembrado o Piauby da capitania de Pernambuco, e o seu governo temporal e administrativo posto a cargo do governador do Maranhão.

1702. Carta regia de 3 de Março ordenando que todos os sesmeiros, donatarios e povoadores do Piauby demarquem suas terras no prazo de dous annos, sob pena de ficarem devolutas.

1711. Em Junho d'este anno morre na Bahia Domingos Afonso, deixando por testamenteiro de seus bens o reitor da companhia de Jesus do Collegio da mesma cidade (1).

1712. 30 de Junho. Creação da villa da Mocha e comarca do Piahy.

1713. Levantamento geral dos Indios, capitaneados por Mandú-ladino. Morre assassinado o mestre de campo da conquista Antonio da Cunha Soutomaior.

1716. Morre o caudilho Mandú-ladino. O mestre de campo Bernardo de Carvalho e Aguiar pacifica a comarca, submettendo as nações sublevadas.

1723. Em 28 de Janeiro d'este anno o lugar de ouvidor da comarca da villa da Mocha é provido no Dr. Vicente Leite Ripado.

1744. Provisão de 14 de Outubro marcando tres legoas de terra para cada sesmaria que se desse no Piahy.

1753. Provisão de 20 de Outubro no mesmo sentido da de 14 de Outubro de 1744.

1758, 29 de Julho. Creação da capitania do Piahy independente da do Maranhão quanto ao administrativo. Por carta patente de 21 de Agosto é nomeado o seu primeiro governador João Pereira Caldas (2).

1759, 20 de Setembro. Toma João Pereira Caldas as redeas da administração. Começa o ouvidor Luiz José Duarte Freire o sequestro nos bens dos regulares da companhia de Jesus, que em 10 de Março do anno seguinte sahem do Piahy presos com destino a Bahia.

1761, 19 de Junho. As freguezias do Piahy são elevadas á categoria de villa, e a villa da Mocha ás honras de cidade capital, residência dos governadores (3).

1762, 13 de Novembro. Dá João Pereira Caldas á capitania do Piahy o nome de S. José do Piahy, em consideração a el-rey D. José, e á villa da Mocha o nome da Oeiras, depois de ter ido pessoalmente á sede das freguezias, e graduado-as em villas, como recommendava a carta regia.

1763. Grandes malocas de Indios Amanajoz se passam para o Piahy, vindos do Maranhão.

1764, 1º de Abril. Dá começo João do Rego Castello-branco á guerra de exterminio contra os Indios Gueguez da margem do Gurugueia, e conclue a campanha em Dezembro.

1765. Pedem paz os Gueguez, e são aldeados no lugar S. João de Sende, sob a direcção de João do Rego Castello-branco.

1768, 8 de Novembro. É nomeado governador Gonçalo Lourenço Botelho de Castro. Neste anno foi creada a missão de S. João de Sende sob a direcção espiritual de Fr. Manoel de Santa Catharina, religioso de Santo Antonio.

1769, 3 de Agosto. Toma posse do governo da capitania Gonçalo Pereira Botelho de Castro. Neste anno foi creada a missão de Jacoz no lugar Cajueiro.

1770. Guerra ao gentio Gueguez e Acoroa da margem do Parnahiba e Urussuy. O negociante João Paulo Diniz estabelece charqueadas nas margens do Parnahiba. Em Julho d'este anno é transferida, a sede da villa da Parnahiba do lugar Testa-branca onde foi creada, para o sitio Feitorias, ou Porto das Barcas, por não quererem os proprietarios edificar n'aquelle primeiro lugar. A carta regia de 22 de Agosto d'este anno manda incorporar á corôa os bens dos regulares da companhia de Jesus vagos pela perpetua proscricção da mesma companhia, e disposições da lei de 9 de Setembro de 1769, e assentos de 29 de Março e 5 de Abril de 1770.

1771. Descem os Gueguez e Acoraoz; em numero de 6 vem a Oeiras offerecer pazes ao governador, e pedir para serem aldeados. Creação da missão de S. Gonçalo do Amarante na margem do rio Mulato com 434 Indios das nações Gueguez e Acoroa.

1772. Em Abril d'este anno João do Rego Castello-branco marcha contra os Indios de Jurumenha e em procura de minas á frente de uma expedição. Foge o Indio Acoroa da missão de S. Gonçalo e procura a missão de S. José do Duro: marcha contra os rebeldes o ajudante Felix do Rego, e os reduz á obediencia, depois de obrar contra elles toda a sorte de maldades, chegando até a mandar infincar em postes no centro da aldeia as cabeças dos autores do levanto. Sendo despachado sargento-mor de milicias para a capitania do Piahy Ignacio Pires Pereira Pinto, parte do Rio Negro em companhia de um boticario hespanhol, que descobre a quina.

1774. Por carta regia de 15 de Julho é exonerado do governo da capitania o governador Gonçalo Lourenço Botelho de Castro.

1775. Parte para o Maranhão no 1º de Janeiro o ex-governador Botelho de Castro. No dia 2, por virtude do Alvará de successão perpetua de 12 de Dezembro de 1770, tomam posse do governo o ouvidor Antonio José de Moraes Durão, João do Rego Castello-branco, e Domingos Barreira de Macedo.

1776. Principia a guerra contra o gentio —Pimenteira— e só vem a concluir-se em Agosto de 1784.

1777. Em 2 de Dezembro é suspenso de todas as funções publicas o ouvidor Antonio José de Moraes Durão, e no dia 17 remettido preso para o Maranhão de ordem do governador geral do estado. Tomam posse do governo da capitania o ouvidor geral José Esteves Falcão, o capitão de dragões José Velloso de Miranda, e o vereador mais velho João Ferreira de Carvalho.

1778, 9 de Julho. Sublevam-se os Indios Gueguêz da missão de S. Gonçalo. E' governada interinamente a capitania até 1796 por Manoel Pinheiro Ozorio, Fernando José Velloso de Miranda, José Esteves Falcão, José Rodrigues de Azevedo, Domingos Barreira de Macedo, Manoel Pacheco Taveira, Antonio Teixeira de Novaes, José Pereira de Brito, João Pereira de Carvalho, Caetano da Cêa Figueiredo, Ignacio Rodrigues de Miranda, Antonio Gomes da Cruz, Antonio Gameiro da Cruz, e Agostinho de Souza Monteiro.

1780, 9 de Setembro. Marcha João Rodrigues Bezerra para S. Gonçalo, e S. João de Sende, afim de chamar á obediencia os Indios sublevados.

1786. Os Indios de S. João de Sende se passam, ou são transferidos para a missão de S. Gonçalo, ficando aquella missão por este facto extincta.

1789. E' nomeado governador D. Francisco d'Eça e Castro parte do Maranhão em 12 de Agosto, e chegando á passagem de S. Antonio da margem do Parnahiba, ali morre em 15 de Setembro. Seu corpo é levado para Aldeias Altas (Cachias) onde recebe sepultura.

1792. Ha na capitania uma fortissima seca, que é seguida de tres annos de fortissimas inundações.

1793. O Parnaguá é flagellado pelo gentio Tapacua e Tapacua-mirim.

1796. Toma conta das redeas do governo o governador nomeado D. João de Amorim Pereira. O padre Joaquim José Pereira descobre abundantes minas de salitre no julgado de Valença.

1797, 4 de Dezembro. Tem começo na barra do Poty a edificação de uma capella com a invocação de N. S. do Amparo.

1799. Informa Miguel Teixeira Monteiro ao governador D. João da existencia de minas de ouro, e prata na freguezia de Piracuruca. Em 16 de Outubro d'este anno o coronel Francisco Diogo de Moraes toma interinamente as redeas da administração.

1800. Em principio de Dezembro Luiz Raposo do Amaral descobre no julgado de Parnaguá minas de ouro, ferro, esmeralda e salitre.

1802, 6 de Julho. E' novamente nomeado governador D. João de Amorim Pereira.

1803, 17 de Fevereiro. Chega a Oeiras o governador D. João. Francisco Diogo de Moraes não lhe quer entregar o governo. D. João é empossado pela camara, e o coronel Moraes remettido preso para o Maranhão. Em 31 de Maio chega a Oeiras o novo governador Pedro José Cesar de Menezes, nomeado por carta de 20 de Agosto de 1801, e toma no dia 4 de Julho as redeas administrativas da capitania. Em 13 de Setembro d'este anno é barbaramente assassinado de publico em Oeiras Antonio Pereira Nunes advogado e secretario interino do governador Cesar de Menezes, e sua morte foi attribuida ao ouvidor José Pedro Fialho de Mendonça de combinação com o coronel Luiz Carlos Pereira de Abreu Bacellar (vulgarmente chamado Luiz Carlos da Serra Negra), Antonio do Rego Castello-branco e outros.

1805. Larga Pedro José Cesar de Menezes a administração, e é substituido interinamente por Luiz Antonio Sarmento da Maia.

1806, 21 de Janeiro. Toma posse da administração o governador Carlos Cesar Burlamaque.

1807. Aparecem de novo os —Pimenteiras— nas cabeceiras do Piahy : são batidos por 2 annos seguidos, e completamente aniquilados.

1810. Em principios de Outubro d'este anno é suspenso das funções publicas e preso o governador Carlos Cesar Burlamaque. Em 20 de Outubro toma interinamente posse da administração o coronel Francisco da Costa Rabello.

1811, 27 de Abril. Creação da junta de fazenda.

— 18 de Maio. Creação dos logares de juiz de Fóra de Campo-maior e Parnahiba.

— 13 de Julho. Tomam posse do governo da capitania o ouvidor Luiz José de Oliveira (*), o coronel Luiz Carlos Pereira de Abreu Bacellar, e o vereador Severino Coelho Rodrigues.

— 1º de Outubro. Por carta regia d'esta data fica a capitania do Piahy independente da do Maranhão (4).

Em fins d'este anno o Indio João Marcellino, principal da aldeia de S. Gonçalo, vai por terra á provincia de Minas queixar-se ao conde de Palma de que os homens do Piahy lhe queriam tomar as terras, além de outras injustiças que praticavam, principalmente o sacerdote que os dirigia. O conde o mandou ao Rio de Janeiro, afim de apresentar pessoalmente ao principe regente a sua queixa: este depois de ouvi-lo, o deferiu benignamente, enchendo-o de honras e presentes.

1812, 8 de Julho. Chega á villa da Parnahiba o governador Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque: de viagem para Oeiras morre na fazenda Tapera (27 de Agosto) e seu corpo reccebe sepultura na igreja matriz de Valença.

1813, 28 de Janeiro. E' nomeado governador Balthazar de Souza Botelho de Vasconcellos, que chegando á villa da Parnahiba, embarcasse em uma canoa e sobe o rio até o porto de S. Francisco, onde desembarcando, se aprompta para seguir por terra á capital. Foi elle o primeiro governador que subiu o rio Parnahiba.

— 4 de Maio. E' suspenso das funções publicas, preso, e re-

(*) Depois Presidente do Senado, e Barão de Monte-Santo.

mettido com uma escolta para a Bahia o ouvidor e membro do governo interino Luiz José de Oliveira.

1814, 1º de Janeiro. Toma o governador Balthazar posse do governo. Tentativa de mudança da sede do governo da capitania para a villa da Parnahiba. A camara e povos de Oeiras representam (29 de Outubro) ao principe regente ácerca das inconveniencias da mudança para a villa da Parnahiba.

1817, 22 de Agosto. E' decretada a criação da alfandega da Parnahiba.

1818, 1º de Agosto. E' nomeado governador Elias José Ribeiro de Carvalho.

1819, 14 de Julho. Passa Balthazar Botelho a administração ao governador Elias de Carvalho.

— 26 de Agosto. Creação do logar de juiz de fóra de Oeiras.

1821, Outubro. Juramento da constituição portugueza. Solemnisa-se o acto do juramento.

— 24 de Outubro. O corpo eleitoral reunido nos paços do conselho installa a junta do governo constitucional, eleita nos seguintes individuos:

Presidente: O ouvidor geral e corregedor Francisco Zuzarte Mendes Barreto.

Vice-Presidente: O brigadeiro Manoel de Souza Martins (*).

Membros militares: O brigadeiro Manoel de Souza Martins, o capitão Agostinho Pires.

Membros da Agricultura: José Antonio Ferreira, Miguel Pereira de Araujo.

Membro pelo clero: O vigario geral Mathias Pereira de Castro.

Membro pela magistratura: O dr. juiz de fóra Bernardino José de Mello.

Membro pelo commercio. O capitão Caetano Vaz Portella.

— 26 de Outubro. Toma posse a junta provisoria.

— 9 de Dezembro. João José da Cunha Fidié é nomeado governador das armas do Piahy.

(*) Depois Barão e Visconde da Parnahiba.

1822, 27 de Abril. A junta provisória do governo, creada pela carta de lei do 1º de Outubro de 1821, que trouxe o decreto das côrtes geraes e constituintes de Portugal de 29 de Setembro do mesmo anno, que estabeleceu o systema administrativo das provincias do Brazil, prestou juramento, e tomou posse da administração, composta de

Presidente: Mathias Pereira de Castro.

Secretario: Francisco de Souza Mendes.

Membros: José Antonio Ferreira, Miguel Pereira de Araujo, Caetano Vaz Portella.

— 8 de Agosto. Toma o major Fidié posse do commando das armas.

— 2 de Novembro. Levanta a cidade da Parnahiba o grito de — independencia...

— 14 de Novembro. Parte de Oeiras o major Fidié para suffocar o movimento da Parnahiba.

1823, 24 de Janeiro. Acclamação da independencia na cidade de Oeiras. Eleição e posse do governo temporario, composto de

Presidente: o brigadeiro Manoel de Souza Martins.

Secretario: Manoel Pinheiro de Miranda Ozorio.

Membros: Ignacio Francisco de Araujo Costa, Miguel José Ferreira, Honorato José de Moraes Rego.

Commandante das armas: o tenente coronel Joaquim de Souza Martins.

— 13 de Fevereiro. Marcha de Oeiras com forças o major Bernardo Antonio Saraiva para bater as forças lusitanas sob o commando de Fidié.

— 13 de Março. Acção do Ginipapo. O major Fidié derrota as forças imperiaes. Marcha contra Fidié o commandante das armas Joaquim de Souza Martins.

1824, 20 de Setembro. Toma interinamente posse da presidencia da provincia, o brigadeiro Manoel de Souza Martins.

1825, 16 de Agosto. Toma posse o conselho administrativo composto de:

Presidente: o brigadeiro Manoel de Souza Martins.

Vice-Presidente: Padre Marcos de Araujo Costa.

Membros: Ignacio Francisco de Araujo Costa, capitão-mor João Nepomuceno Castello-Branco; sargento-mór José Ignacio Madeira de Jesus, tenente-coronel Raymundo de Souza Martins.

1826, 23 de Dezembro. O brigadeiro, conde de Beaurepaire é nomeado commandante das armas da provincia.

1828, 11 de Agosto. Por carta imperial d'esta data é exonerado da presidencia do conselho administrativo o barão da Parnahiba, passando a substituí-lo o membro conselheiro Ignacio Francisco de Araujo Costa, por impedimento do vice-presidente, o padre Marcos de Araujo Costa.

— 16 de Agosto. E' nomeado presidente João José de Guimarães e Silva.

1829, 13 de Fevereiro. E' reintegrado na presidencia do conselho administrativo o barão da Parnahiba.

— 15 de Fevereiro. Toma posse da administração da provincia o presidente Guimarães.

1831, 17 de Fevereiro. Toma o barão da Parnahiba posse da presidencia interinamente.

— 29 de Fevereiro. Morte do presidente Guimarães: — seu corpo é sepultado na matriz de N. S. da Victoria.

1832, 6 de Julho. Por decreto d'esta data são elevadas á cathedra de villas as freguezias de S. Gonçalo, Puty, Principe Imperial, Piracuruca e Jaicoz, e creada a freguezia de S. Raymundo Nonnato das Confusões, em virtude da proposta do conselho geral de 30 de Janeiro de 1830, então composto de

Presidente: Barão da Parnahiba.

Secretario: Manoel Pinheiro de Miranda Ozorio.

Membros: Arnaldo José de Carvalho, João Nepomuceno Castello-Branco, José Ignacio Madeira de Jesus, José Luiz da Silva, José de Souza Martins.

1835, 4 de Maio. Abertura da primeira legislatura da assembléa provincial.

1843, 30 de Dezembro. Toma posse da presidencia da provincia o presidente nomeado, dr. José Ildefonso de Souza Ramos.

PARTE SEGUNDA.

I

As hordas selvagens, que habitavam as margens do rio de S. Francisco, nas terras de Pernambuco, confinantes com a Bahia, Amoypirás e Ubirajaras, por muitas vezes tinham acommetido as fazendas dos povoadores de uma e outra margem, e não contentes com despovoal-as de seus gados, também hostilisavam os colonos e rendeiros, que nem sempre podiam repellir com vantagem os selvagens aggressores.

Domingos Affonso Mafrense, homem de coragem e de largas empresas, e seu irmão Julião Affonso Serra, fazendeiros do rio de S. Francisco, e rendeiros de Francisco Dias de Avilla, dispondo-se a não soffrer por mais tempo os barbaros vizinhos, armaram uma grande bandeira, ajudados por Francisco Dias e seu irmão Bernardo Pereira Gago, e com ella entraram por terras de Pernambuco em perseguição, e conquista dos Indios, que, batidos em varios encontros, se foram internando pelos altos sertões, deixando muitas presas feitas, e esperanças para novas conquistas.

N'essa occasião, ou logo depois traspozeraam os dous cabos a Serra dos Dous Irmãos (*), e continuando a marchar para o norte, descobriram as fertes terras, que banham o Canindé e seus afluentes sempre em perseguição dos Indios, que vão sendo vencidos, e aprisionados em muitas e arriscadas pelejas, em uma das quaes affirmam que sahira ferido Domingos Affonso (**).

De volta os conquistadores da empresa arriscada a que se tinham aventurado, surpresos do muito que tinham visto pelas desertas

(*) Não sabemos desde quando a Serra dos Dous Irmãos é conhecida por este nome; mas é bem provavel, que sendo os dous Affonsos os primeiros, que a atravessaram, lhe venha desse facto o nome.

(**) Muito antes de haver Domingos Affonso empreendido a conquista do Piahy, já o seu norte tinha sido visitado por occasião da conquista e descoberta do Maranhão, em 1614, por Jeronymo d'Albuquerque, Moreno, pelos missionarios da companhia de Jesus, por Elias Herkmen, agente do conde Mauricio, si devemos dar credito a alguns historiadores das cousas do Brazil.

regiões que até ali não haviam sido communicadas, cuidaram logo de tirar d'esses vastos terrenos o mais real e duradouro proveito.

Os dous irmãos criavam em terras alheias; d'ora em diante podiam povoar com seus gados terras proprias, e talvez melhores, que as do rio de S. Francisco para criação do gado vaccum, e cavallar.

Nesta descoberta por tal modo se distinguio Domingos Affonso, taes bravuras fez pelos sertões, que d'este nome herdou o appellido para nunca mais o perder.

Os dous descobridores e seus socios foram os primeiros, que, dous annos depois da primeira entrada pelos sertões do Piahy, em 1676 pediram de sesmarias 40 legoas de terra, para situação de suas fazendas (5).

Si o Piahy na parte septentrional já tinha sido visitado de ha muito, o que é incontestavel, também é certo que isso em nada pôde influir contra a gloria do intrepido Domingos Affonso, que sempre será tido e seu irmão como unicos descobridores, e primeiros povoadores, associando a seus nomes os de Francisco Dias de Avilla e Bernardo Pereira Gago, que poderosamente os auxiliaram nas despezas da conquista, sendo também dos primeiros a gozar de seus fructos.

A elles foram dadas as primeiras sesmarias pelo governador de Pernambuco que então era D. Francisco de Almeida, e a quantos sollicitaram depois semelhante favor; porém tanta irregularidade houve na concessão das primeiras sesmarias, tanto abusaram os concessionarios dos reaes favores, que entre si se viram logo depois em gravissimos embaraços, e occupados com interminaveis litigios.

Suppondo Domingos Affonso e seus socios, que na qualidade de descobridores eram os unicos senhores da vasta região do Piahy, arbitrariamente entre si partilharam as terras.

Correndo pela Bahia a nova da descoberta de Domingos Affonso, não houve quem não quizesse possuir terras proprias, ou para cultivar, ou para criar, e por isso já em 1684 era crescidissimo o numero das sesmarias, dadas por diversos governadores de Pernambuco; porém dadas sem prudencia, e sem as condições que as leis exigiam.

Tambem os peticionários, ignorantes da topographia dos terrenos, pediam por sesmarias aquelles, que a outros tinham já sido concedidos, e por occasião das demarcações surgiam pleitos e contestações.

Os primeiros povoadores cuidaram logo em fazer transportar para as suas novas terras a maior parte dos gados, que possuíam na margem do rio de S. Francisco. Em poucos annos eram elles senhores de ricas fazendas, que em bellissimas posições situadas, e em gordos terrenos, rapidamente multiplicaram os gados, e não podiam deixar de prosperar.

Sabemos que as primeiras fazendas foram plantadas nas margens do Canindé, Piahy, e Gurugueia.

Aquelles que não tinham posses bastantes para requerer sesmarias, arrendavam aos sesmeiros lotes de terra sufficientes para pastagem de seus pequenos rebanhos, e lavpura de primeira necessidade.

Foi tão crescida a emigração das provincias limitrophes, que já em 1700, quasi 100 legoas se achavam povoadas, e em muitas partes formados nucleos de povoação.

II

Na historia da descoberta do Piahy escriptores nacionaes e estrangeiros tem consignado um facto, que tendo em parte fundamento, em parte pôde ser controverso, por uma circumstancia que mencionaremos. Todos á porfia dão tambem as honras da descoberta do Piahy a um Paulista por nome Domingos Jorge.

Vejamos o que diz Rocha Pita: — « Neste tempo se ampliou mais a extensão das terras, que haviamos penetrado nos sertões de nossa America; porque no anno de 1671 se descobriram os sitios do Piagui, grandissima porção de terra, que está em altura de 10° do N. além do rio de S. Francisco para a parte de Pernambuco, no continente d'aquella provincia, e não mui distante á do Maranhão. Tomou o nome de um rio, que por pobre o não devia ter para o dar, pois corre só havendo chuva, e no verão fica cortado em varios poços. O mesmo pouco cabedal, e propriedade se acha em

mais seis riachos, que regam aquelle paiz, os quaes são o Canindé, o Itaim, S. Victor, Poty, Longazes e Piracuruca, porém todos por diversas partes concorrem a enriquecer o rio Parnahyba, que com elles chega opulento ao mar na costa do Maranhão. Um dos primeiros, que penetraram aquelle terreno foi o capitão Domingos Affonso Certão, appellido que tomou em agradecimento das riquezas, que lhe deram os sertões do Brazil, e por empresa das conquistas que nelles fizera, passando de uma fortuna humilde em que vivera na Bahia á estimação, que costumam dar os grandes cabedaes. Possuia já uma fazenda de gado, chamada o Salobro na outra parte do Rio de S. Francisco, districto de Pernambuco na entrada da travessia, que vai para o Piagui, e mandando d'ali exploradores indagar e penetrar a terra, lhe trouxeram as noticias, que desejava, para as conquistas que pretendia, resolução, que executou com valor e felicidade, convidando para esta empresa algumas pessoas, que pôde ajuntar, todos alentados, destros e praticos na fórma da peleja d'aquelles barbaros. Entrou por aquellas terras até ali não penetradas dos Portuguezes, e só habitadas dos gentios, com os quaes teve muitas batalhas, sahindo de uma perigosamente ferido, mas de tôdas vencedor, matando muitos gentios, e fazendo retirar aos outros para o interior dos sertões.

Nesse descobrimento se encontrou com Domingos Jorge, um cabo dos Paulistas, poderoso em arcos, que desejando novas conquistas, sahira das provincias do Sul, e de S. Paulo, patria sua, com numeroso troço de seus gentios domesticos a descobrir terras ainda não penetradas, e atravessando varias regiões, chegara á aquella parte pouco tempo antes, que o capitão Domingos Affonso a entrasse. Viram-se ambos, e dando-se um a outro noticia do que tinham obrado e descoberto, se ajustaram no que haviam de proseguir, e dividindo-se por differentes partes, foi cada um pela sua parte conquistando todo aquelle paiz... »

Esta narração se tem perpetuado até os nossos dias; todos os chronistas, todos os escriptores tanto nacionaes como estrangeiros, antigos e contemporaneos a tem repetido, sem o menor exame, sem

a mais pequena critica, ou pela muita confiança, que depositam nos antigos historiadores, ou tambem por se livrarem do enfadonho trabalho do exame e trabalhosa critica, que na historia só pôde assentar em documentos veridicos, escrupulosamente estudados.

Não sabemos o fundamento com que attribuem os historiadores ao Paulista Domingos Jorge as honras da descoberta do Piahy; e sendo verdade, como é, que o individuo por nome Domingos Jorge, que um importante papel representou nas cousas do Piahy era sobrinho de Julião Affonso, é justo que duvidemos do Paulista Domingos Jorge, e lhe neguemos as honras de descobridor.

O individuo d'este nome, que um importante papel representou na conquista de Piahy não era Paulista, mas não duvidamos que fosse aquelle mestre de campo de um terço de Paulistas, que residia no sertão da Bahia, que por ordem de D. João de Lencastro, e a pedido do capitão Antonio de Mello marchou da Bahia para a conquista dos Palmares.

Domingos Jorge herdou de seu tio Julião Affonso tudo quanto este possuia no Piahy; tambem povoaou fazendas; porém é o proprio a negar-se as honras de descobridor, que todos os historiadores porfiam em dar-lhe (6). Não é isso para admirar, quando todos nós sabemos os bellos improvisos e as galantes fabulas, que por ahi correm impressas acerca das cousas do nosso Brazil. O mesmo Piahy tem merecido as honras de um paiz de maravilhas.

Quanto á época da descoberta do Piahy, escolhemos a mais moderna, ou a mais proxima da data das concessões das primeiras sesmarias, porque não é razoavel que descobrindo Domingos Affonso o Piahy em 1671, como o quer Rocha Pita, só viesse a requerer terras em 1676, tendo elle tanto interesse, como devia ter, em tirar logo proveito de suas conquistas. Assim pois preferimos o anno de 1674, apoiado em Ayres do Casal, Warden, Fortia, Constançio, e Ferdinand Diniz, e outros, que tambem preferem esta data.

III

As frequentes hostilidades dos selvagens contra os primeiros po-

voadores, a quem não podiam ter senão má vontade, visto como os olhavam como usurpadores de suas terras, eram um embaraço de todo o dia, um grande mal, que demandava de prompto remedio, para garantia da propriedade nascente, e o que é mais das vidas dos arrendatarios e colonos, que affluam em grande numero.

Os governadores nada faziam em favor dos povoadores, nem contra os barbaros: aquelles viviam entregues a seus proprios recursos, e este a seu odio contra os portuguezes, odio, que por varias vezes se traduzira em vinganças crueis.

Francisco Dias de Avilla creou na margem do Gurugueia um arraial de Indios domesticos, trazidos da Bahia, com os quaes protegia suas fazendas, e proseguia na conquista dos selvagens. Domingos Affonso, e Julião Affonso seguiram o mesmo exemplo, e não olharam despesas e sacrificios. Si alguma vez os governadores da Bahia auxiliaram com gente de guerra ao senhor da Torre, a força era sustentada pelos particulares, assim como os mestres de campo, que para o Piahy se destacavam.

Não eram simplesmente os Indios os que punham serio embaraço ao progresso da nascente colonia. Os inimigos de Domingos Affonso e Francisco Dias, ciosos de sua gloria, invejosos de sua fortuna, machinaram contra elles toda a sorte de intrigas, ja na côrte, já perante o vice-rei do estado.

A' proporção que novas sesmarias se foram concedendo, e que se procedia á demarcação das terras, complicadas questões appareceram entre os velhos sesmeiros ou seus herdeiros, complicações, a que vieram dar maior vulto as cartas regias de 20 de Janeiro de 1699, e 3 de Março de 1702 (*); porque aquelles que arrendaram terras, e não as queriam pagar, achavam nesses decretos uma arma poderosissima, com que feriam seus credores. Juizes venaes, como

(*) A carta regia de 20 de Janeiro de 1699 ordenava, que as pessoas que tivessem terras de sesmarias sem as cultivar, povoar por si, seus feitores, colonos, e constituintes as perdessem, e fossem dadas a quem as denunciasse. A de 3 de Março de 1702 ordenava sob fortes penas, que os sesmeiros apresentassem dentro de 6 mezes a confirmação da posse de suas terras, e dentro de 2 annos as demarcassem judicialmente.

foram os primeiros, que vieram decidir d'essas questões de propriedade territorial, em vez de attenual-as, pelo contrario as complicaram, vendo lucrar com ellas.

Tão mal procediam os ouvidores, tão mal eram encaminhados os negocios publicos, e tão grandes os soffrimentos dos povos, que, por serem excessivos chegaram à côrte; porém as medidas, que se tomaram, nada tinham de boas e salvadoras.

A administração do Piahy tinha sido posta a cargo do governo do Maranhão desde 1702, ou pouco antes, concorrendo poderosamente para isso Lourenço da Rocha Martinho, fidalgo inimigo de Domingos Affonso, e Francisco Dias de Avilla, e que contra elles de ha muito machinava toda a sorte de intrigas, originarias de mallogradas pretensões d'aquelle sobre uma posse de terras, que em commum possuíam estes, e de que não se queriam desfazer. Lourenço da Rocha, que via não poder em Pernambuco requerer por sesmarias essas terras, por existirem ali documentos comprobatorios do direito de Domingos Affonso e seus socios, promoveu efficazmente a mudança administrativa do Piahy, e assim o governador do Maranhão, que então era Antonio José da Fonseca Lemos, entendeu por inspirações estranhas que as terras do Piahy deviam ser consideradas devolutas, e como taes effectivamente reconhecidas por elle, as ia dando a quem as requeria.

Este inqualificavel proceder excitou um clamor geral, e o governador se viu forçado a revogar seus actos illegaes, depois que el-rei ordenou-lhe que fizesse demarcar as velhas sesmarias, no cumprimento de cujas ordens tão escandalosamente se portaram os agentes officiaes, taes abusos praticaram, tantos odios e perseguições fizeram nascer, que o marquez de Angeja, vice-rei do estado, em carta de 1 de Agosto de 1714 representou para Lisboa acerca das medidas que reclamava tão desesperada situação, e essa carta deu logar ao decreto de 11 de Janeiro de 1715, que dizia ao governador do Maranhão, que as sesmarias dadas pelos governadores de Pernambuco, e Bahia não fossem consideradas devolutas, e mais que fôra unido o Piahy ao Maranhão, para evitar desordens entre os moradores dos differentes

districtos, e que o governador do Maranhão não devia ultrapassar as raias marcadas á nova capitania.

O decreto de 11 de Janeiro de 1715 pouco bem pôde fazer; os soffrimentos continuaram, e os agentes da autoridade judiciaria davam largas a sua desmarcada cobiça, duplicando as demarcações, e extorquindo emolumentos.

Os Jesuitas, que com a morte de Domingos Affonso tinham entrado na posse de sua grande fortuna, era tambem uma potencia, um grande combustivel, um perigoso elemento, que se envolvia nas luctas, para mais afeia-las, e alimenta-las. Os herdeiros dos primeiros povoadores não consentem, e com justiça que os commissarios demarcadores entrem com os demais agentes officiaes em suas terras, e d'essa opposição nascem novos embarços, que todos os dias vão augmentando, sem que appareça o remedio. Novas representações são encaminhadas á corte. Houve ali quem fizesse uma verdadeira pintura dos successos do Piahy.

Certo el-rei de que seus vassallos eram mal administrados nessa porção de seus dominios, mandou em missão especial á capitania do Piahy o ouvidor do Maranhão Manoel Sarmiento; e por decretos de 11 e 23 de Abril e 2 de Agosto de 1753 caçar, annullar, e abolir todas as datas, ordens e sentenças dadas acerca de negocios de terra, em que estavam envolvidos os antigos e novos povoadores (*). E para que nunca mais podessem apparecer conflictos, e a justiça fosse administrada e distribuida com toda a imparcialidade, e sem a intervenção dos Jesuitas, mandou logo depois (1755) á comarca do Piahy com amplos poderes, e acompanhado de um habil engenheiro o ouvidor geral da capitania do Pará, João da Cruz Diniz Pinheiro, para não só syndicar dos factos anteriores, como prover a capitania

(*) As sesmarias de alguns dos primeiros povoadores foram demarcadas por ordens especiaes. Por carta regia de 13 de Agosto de 1741 foi ordenado ao ouvidor da Mocha que fosse pessoalmente demarcar as terras do finado Domingos Affonso Certão. Outra carta regia de 6 de Outubro do mesmo anno ordenou a demarcação das terras do coronel Francisco Dias de Avilla; e outra de 7 de Outubro tambem de 1741 ordenou a medição e demarcação das sesmarias de Domingos Jorge.

de remedio, e proceder á demarcação das terras : e o ouvidor da Mocha que nesse tempo era José Marques da Fonseca Castello-Branco, foi substituído pelo bacharel Manoel Cypriano da Silva Lobo (7).

Assim tiveram fim essas luctas de dominio territorial, que duraram por mais de meio seculo.

IV

As raças indigenas, que habitavam o Piauí por occasião de sua descoberta eram ainda numerosas. As nossas luctas com a Hollanda tinham feito rarea as raças que povoavam o norte nas immedições da serra da Ibiapaba.

Ayres do Casal, auctor da *Corographia Brasilica* ousou affirmar que o Piauí era pouco povoado de hordas selvagens « porque faltam grandes bosques e serranias, que lhes dessem refugio : » e accrescenta : « sua conquista não custou grandes sacrificios. Os Indios que mais deram que fazer foram os Putys, que eram capitaneados por um Indio domestico, que fugira de Pernambuco de nome Mandu-ladino. Mais de 50 annos se passaram depois da morte d'esse caudilho, sem que os novos habitadores fossem incommodados, até que em 1760 se levantaram os Pimenteiras. » E' assim que resume a historia dos Indios do Piauí o sempre assaz elogiado auctor da *Corographia Brasilica* ; porém o amor da verdade antes do que o respeito ao historiador, apoiado no testemunho de Jaboatão, Gabriel Soares, e outros escriptores, neste ponto mais conscienciosos e verdadeiros, nos aconselham, que nos desviemos do parecer de Casal.

Comquanto não seja o Piauí geralmente montanhoso e coberto de vastas e abundantes mattas, não são razões para se concluir, que não foi habitado por numerosas hordas selvagens. E depois, o Piauí, no tempo da descoberta, e consequentemente no tempo em que escreveu Ayres do Casal, tinha pelas margens de seus rios sufficientes mattas para acolherem numerosas tribos, fornecerem-lhes a caça, e ampararem-nos dos ardores do clima : e nós sabemos, que nas margens dos numerosos tributarios do Parnahiba, e seus confluents paravam as

aldeias indigenas, e que so ahi ; porque ao soccorro da caça uniam o auxilio da pesca, que tanto praticavam.

Não sabemos, que se tenha escripto cousa alguma acerca das raças indigenas do Piauí ; e pois cumpre-nos tirar um pouco da obscuridade esse objecto : diremos pouco, porque poucos tambem são os fructos de nossas trabalhosas indagações. A noticia que vamos dar das nações que povoavam o Piauí pelos annos de 1674 é como que um incentivo, para novas pesquisas, para serias indagações, que hão de certamente concorrer para que se firme a verdade da historia de nossos primeiros tempos, tão intimamente ligada com os episodios das luctas com os primitivos povoadores do Brazil.

Principiaremos por discriminar as raças pelas suas denominações.

Varios historiadores fallam dos Tapuyos, que povoavam o norte da provincia, desde a serra da Ibiapaba até a margem do Parnahiba. Com quanto Jaboatão diga, que o vocabulo —tapuyo— não é nome propriamente de raça ou nação, e sim de differença, valendo tanto como dizer *contrario*, não aceitamos esta opinião, e entendemos com outros, que a denominação de Tapuyo pertence a uma nação distincta das outras em indole, em habitos, e costumes. Seja porém como for, por que não é para aqui a resolução d'essa questão especial, os indigenas do Norte eram designados com este nome, e se subdividião em varias familias todas numerosas e bellicosas, que se denominavam Aranhy, Puty, e Caratius. Os Putys habitavam a foz do rio do mesmo nome, e os ultimos as suas cabeceiras. Os Aruazes povoavam o municipio de Valença ; e os denominados Jaicoz, Timbyras, Gueguez, e Acoroaz as posições centraes, abrangendo os termos de S. Gonçalo, Oeiras, e Jaicoz. Os Gamellas, Ginipapos e Guaraniz, que habitavam as margens do Parnahiba emigraram para o Maranhão e solidões do Pará depois do levantamento geral de 1713, sendo logo depois seguidos pelos Cabuçús, Muipuras, Ahytatus, Aboypiras, Ubirajara, Tapacuas, e Tapacuas-mirim, que habitavam as solidões do Parnaguá, e margem do Gurugueia e Urussulys, e terras limitrophes com o Maranhão e Goyaz. Os Pimenteiras habitavam as cabeceiras do Piauí, e terras confinantes com a provincia de Pernambuco.

As raças menos numerosas emigraram com as primeiras conquistas ou entradas, e as que por muito numerosas não o poderam fazer, ou consentiram ser aldeadas, ou foram aniquiladas pelo ferro dos conquistadores. Os Gueguez, Acoroás (Coroados), Aruazes, Jaicoz, e Pimenteiras subsistiram até ha bem poucos annos, porém já completamente degenerados com o cruzamento, e outras razões geralmente sabidas, que fazem perder a primitiva feição, o character, os habitos e costumes.

As numerosas nações, que povoavam o sul, todas ellas, pelo que se lê em Gabriel Soares, eram ou descendentes dos Tupinambás, que semigraram do litoral para as margens do rio de S. Francisco, ou Tapuyas, distinctos por seus costumes e lingoagem — porém cuja origem é quasi impossivel assignalar, assim como suas divisões. Os Tapuyas, que Gabriel Soares chama Maraquas, também é de suppor, pela posição que occupavam, que fossem os mais incommodos vizinhos dos povoadores dos sertões da Bahia, porém d'elles nunca fazem menção os documentos que consultamos a respeito da conquista dos indios do Piahy, sendo que de outros tratam, e pelos mesmos nomes pelos quaes os chama o auctor a que nos temos referido, em quem muita confiança depositamos, porque nenhum interesse devia ter em faltar á verdade, acrescentando que a sua noticia do Brazil não é uma obra de especulação, como muitas, que hoje surgem dos prelos, e a que se não pôde conceder em consciencia senão o titulo de — mercadoria.

A conquista da gentildade dos sertões do Piahy, diz Ayres do Casal não custou sacrificios: é uma asserção verdadeira, se por ventura se quiz elle referir a despezas do estado; porque a conquista do Piahy só custou o sacrificio dos particulares. E se de 1712 em diante os governadores intervieram em tal negocio, foi isso tão de leve, que a sua acção só se fazia sentir, quando decretavam as derramas, especie de contribuição ou tributo que pagavam os particulares, e com que eram suppridas as necessidades da guerra.

Sucedeu em 1712 o levantamento geral dos Tapuyas do Norte. Mandú-Ladino principiou a incommodar os habitantes do Maranhão da margem do Parnahiba. Veio do Maranhão contra os sublevados,

e com patente de mestre de campo da conquista Antonio da Cunha Souto-maior, e começou a guerra com prospero resultado; porém no anno seguinte, trahido pelos proprios Indios com que fazia a guerra, morreu assassinado. Berredo exprime-se assim acerca de sua morte: « Seguiu-se a nova successão de 1713, e a ella também a fatalidade da lastimosa morte de Antonio da Cunha Souto-maior, que servindo o emprego de mestre de campo da conquista do Piahy, os mesmos Tapuyas de sua obediencia, com que fazia a guerra a todos os de curso d'aquelle vastissimo paiz, aleivosamente lhe tiraram a vida, que tinha feito merecedora de larga duração, assignalada honra do seu procedimento. » (*)

Depois deste fatal successo, continuaram com mais animosidade os Tapuyas a incommodar em uma e outra margem do Parnahiba os pacificos povoadores, e a engrossar suas forças. Por mais de dous annos duraram as aggressões dos Indios, sem que uma providencia fosse dada em desaggravo das vidas sacrificadas, e da propriedade destruida; até que em 1716 partiu do Maranhão Francisco Cavaleanti de Albuquerque com as ordens terminantes de fazer cessar os soffrimentos dos habitantes do sertão. Faz a historia o chronista Berredo d'esta expedição; nós nos cingiremos a ella. « Dentro de poucos dias sahiu da cidade de S. Luiz este commandante (Francisco Cavaleanti d'Albuquerque) na direitura do Itapucurú, rio da terra firme, para fazer a sua entrada pelo sertão d'elle; mas entendendo o governador que a sua marcha não iria ainda muito avançada, lhe mandou ordem para retroceder até a casa forte do Iguará, que fica na bocca da capitania do Piahy, com as noticias dos grandes estragos, que tinham feito nella os Tapuyas de curso de varias nações, que sendo em outro tempo da alliança do estado com outros gentios inimigos de todos debaixo da conducta do mestre de campo d'aquella conquista Antonio da Cunha Souto-maior, aleivosamente lhe tiraram a vida, como já deixo escripto no logar a que toca. »

« Tinha sido cabeça de uns e outros insultos um Indio chamado

(*) Annaes historicos do Estado do Maranhão, pag. 675 n.º 1469. Lisboa 1749.

Manoel com a antonomasia de Ladino, que nascido no gremio catholico, e devendo a sua educação aos missionarios da companhia de Jesus, era o que fazia entre todos elles ostentações mais barbaras de sua primeira natureza, e desejando o governador o seu justo castigo, o dispoz bem com a expedição d'estas novas ordens, que executou Francisco Cavalcanti com a devida pontualidade; porém parecendo ao mesmo general, que elle havia faltado maliciosamente na parte mais essencial á verdadeira intelligencia d'ellas, lhe despachou segunda, para que tanto que chegasse ao Iguará, obedecesse ao novo mestre de campo da capitania do Piahy Bernardo de Carvalho e Aguiar, que então se achava naquelle mesmo sitio; e unido com elle Francisco Cavalcanti, se não logrou o principal projecto do senhor de Pancas no merecido estrago do Indio Manoel, cabeça dos insultos; por fugir a seus golpes os descarregou na nação Aranhhy da mesma fereza dos Barbados, que deixou destruida, satisfazendo bem com os acertos d'esta segunda acção, os presumidos erros da primeira (*).

Com a anniquilação de Mandú-Ladino, que morreu afogado nas agoas do Parnahiba, ficou pacificada em parte a capitania. Bernardo de Carvalho continuou na guerra de corso até 1721 pouco mais ou menos, época em que voltou para o Maranhão. A conquista passou a ser dirigida por Francisco Xavier de Brito, que a seu cargo tinha a economia e direcção do Arraial de Garcia de Avilla Pereira, criado no Gurugueia pelo sargento-mór Miguel de Abreo Sepulveda, e com approvação do governador do Maranhão.

Outros se seguiram a Francisco Xavier de Brito, que, ou não fizeram nada, abandonando a conquista aos esforços particulares, ou se mostraram deshumanos perseguidores dos pobres Indios, que nem sempre eram os aggressores.

V

Apoiado em parte pelo testemunho de Gabriel Soares, pouco mais podemos avançar ácerca dos usos e costumes dos indios do Piahy.

(*) Berredo: *Annaes Historicos da provincia do Maranhão* pag. 679, numeros 1479 e 1480: Lisboa 1749.

Os longos diarios da conquista dos indios escriptos pelo coronel João do Rego Castello-Branco, suas longas narrativas, que nos demos ao trabalho de lêr, pobres de interesse — não nos permitem entrar por longas minucias, e só nos tem servido para apreciar a verdade com que a tal respeito escreveu o historiador que nos vai servir de farol. Os muitos livros, memorias e impressos, que consultamos, dizem menos, do que o pouco que Gabriel Soares nos legou. Este auctor, pouco conhecido, é para nós de um grande merito; porque nos ha transmittido um thesouro de preciosas noticias das cousas de seu tempo, em que estava muito versado. Elle nos falla na sua Noticia do Brasil dos indios que habitavam as duas margens do rio de S. Francisco, e dos que paravam ao Norte na região central, que elle denomina — Pará. Elle descreve os costumes dos Tupinambás, Aboypirás, Maraúas e Ubirajaras e outras nações.

Que os Aboypirás e Ubirajaras povoaram terras de Piahy, é para nós questão resolvida; porque os descobridores fazem d'ellos menção em seus requerimentos de sesmarias; o que tambem de seus costumes disse Soares com alguma exactidão — está confirmado em alguns pontos pelo que diz João do Rego em seus diarios, de que acima fallamos.

Os Amoypirás, escreve Soares, descendem dos Tupinambazes, que perseguidos pelos Tupinaez, seus inimigos, se embrenharam pelos sertões, e foram estabelecer-se no rio de S. Francisco. Tomaram o nome de Amoypirás, de seu chefe *Amoypira*; e se multiplicaram por tal modo, que se apoderaram e povoaram todo o interior para o Norte do rio de S. Francisco, terra que elles chamam Pará. Vivem sempre em guerra esses indios com os tapuyas seus vizinhos. Tem os Amoypirás a mesma lingua e costumes que os Tupinambás, «mas são mais atraídoos, e de nenhuma fé, nem verdade.»

«Na terra onde este gentio vive, ha muita falta de ferramentas por não terem commercio com os Portuguezes, e apertados da necessidade cortam as arvores com umas ferramentas de pedra, que para isto fazem, com o que ainda, e com muito trabalho roçam o matto, para fazerem suas roças...»

« Os Amoypiras trazem o cabello da cabeça copado, e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como as Tupinambás. Pesca este gentio com uns espinhos tortos, que lhe servem de anzoes, com que matam muito peixe, e á flecha, para o que são mui destros, e para matarem muita caça »

Trazem os Amoipiras os beigos furados, e pedras n'elles como os Tupinambás, e pintam-se de ginipapo, e enfeitam-se com elle. Usam na guerra tambores, que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo, tanto até que fica delgado, os quaes toam muito bem; na mesma guerra usam de trombeta, que fazem de uns buzios grandes furados, ou de canna da perna das alimarias, que matam, a qual lavram, e engastam em um páu. »

« Estes Amoipiras tem por vizinhos do sertão detrás de si outro gentio a que chamam Ubirajaras, com quem tem guerras ordinariamente, e se matam, e comem uns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas, quando se captivam. »

Acerca dos Ubirajaras assim se exprime Soares : — « Ubirajaras, que quer dizer *senhores dos paus*:... se não entendem na linguagem com outra nação alguma do gentio : tem continua guerra com os Amoipiras, e captivam-se, matam-se, e comem-se uns aos outros sem nenhuma piedade. »

« Estes Ubirajaras são gente muito barbara, da estatura e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos, assim os machos, como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos, que em lhes nascendo o não arranquem. »

« A peleja dos Ubirajaras é a mais notavel do mundo ; porque a fazem com uns paus tostados, muito agudos, de comprimento de tres palmos pouco mais ou menos cada um, e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios, como com punhaes, que são tão certos com elles, que não erram tiro, com o que tem grande chegada, e d'esta maneira matam tambem a caça, que se lhe espera a tiro não lhe escapa. » Com estas armas se defendem de seus contrarios, tão valorosamente como seus vizinhos com arcs, e flechas.... »

A nação — Tapuya — foi a mais numerosa em todo o Brazil, e na opinião de Soares o mais antigo, e consequentemente senhor de toda a costa « do qual ella foi em todo senhoreada da bocca do rio da Prata até o rio das Amazonas; porque da banda do rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de 150 leguas, e da parte do rio das Amazonas senhoream para contra o sul mais de 200 leguas, e pelo sertão vem povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio. »

Os Tapuyas, vizinhos dos Amoipiras e Ubirajaras, quer Soares, que tivessem sido arremessados para os sertões pelos Tupinaes, e denomina-os Maraquas. Eram robustos, bem apessoados, traziam os cabellos crescidos até as orelhas, e copado, e as mulheres os cabellos compridos, atados para trás. Sua linguagem era inteiramente differente da de outras nações, e quando fallavam tremiam com a falla. Seus cantos não tinham pronunciação, eram todos garganteados. Gozavam das honras de excellentes cantores, habeis frecheiros, destros corredores, e valentes na guerra. Não eram tão ferozes como os Tapuyas do norte, apesar de serem contrarios ás demais nações. Os Maraquas não habitavam terras do Piahy, porém eram vizinhos dos habitantes d'esse cordão de serras, que Soares não denomina, porém que suppomos ser a serra da Ibiapaba e suas ramificações. Esses Tapuyas habitantes do sertão que está a 200 leguas da costa eram inimigos dos Maraquas, viviam em continuada guerra com os vizinhos Tupinaes e Amoipiras.

Seus habitos e costumes, segundo o historiador que nos tem servido de norte, estavam mui proximos da civilisação; pois que não tendo uma vida nomada, habitando aldeias com casas bem armadas e tapadas, experientes na guerra, dados ao habito de conquistar, tambem cultivavam a terra. « Costuma este gentio Tapuya, trazerem os machos os cabellos da cabeça tão compridos, que lhes dão pela cinta, e ás vezes os trazem entrancados, ou enastrados com fitas de fio de algodão; e as femeas andam tosqeadas, e trazem cingidas ao redor de si umas franjas de fio de algodão. São muito musicos, e cantam pela maneira dos primeiros. Trazem os beigos debaixo furados, e nelles umas pe-

dras verdes roliças e compridas. Não pescam estes índios nos rios á linha; porque não tem anzoes; mas para matarem peixe, colhem uns ramos de umas ervas como vides, mas mui compridos, e brancos, e tecem-nos como rede, os quaes deitam no rio, e tapam-no de uma parte a outra, e uns tem mão nesta rede, e outros batem a agua em cima, d'onde o peixe foge, e vão-se descendo até dar nella, onde se ajunta, e tomam ás mãos o peixe pequeno, e o grande matam ás flechadas sem errarem um... » (*)

Os Pimenteiras, Guegues e Acoroás foram os que resistiram por mais tempo ao estabelecimento dos Portuguezes: — naturalmente vingativos, e turbulentos, mais se tornaram ainda, depois de provocados; — e a lucta com os povoadores durou por muitos annos; por que tambem estes não comprehenderam, que a docilidade, e os meios brandos eram as armas mais efficazes, para reduzir á obediencia o indio barbaro.

Os Guegues e Acoroáz parece-nos, que descendiam de um mesmo tronco; fallavam a mesma lingua e tinham os mesmos habitos e costumes; porque quando aldeiados indistinctamente, como sempre succedeu, viviam como amigos, ou como se fossem parentes.

As armas de que se serviam eram o arco, a flecha, e as massas ponteagudas de arremego, de que falla Soares. D'esses paus agudos ainda faziam outro uso, além do arremego. Quando sentiam a aproximação do inimigo, infincavam os taes espetos de amago de pau, curiosamente apontando, e atravessando os caminhos, com as pontas inclinadas para diante, em altura de ferirem das verilhas até aos peitos, occultos por fraca ramagem. Tanto que os inimigos avistando-os, investiam impetuosamente, eram feridos pelas taes armadilhas, e na acção de procurarem rumo diverso, eram aggreddidos pelos índios que disparando outras armas, em altos gritos applaudiam o bom effeito de sua estrategia.

(*) Gabriel Soares, Noticia do Brazil — impressa no 3º tomo das Coll. de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas. — Capts. 72, 73, 74, 75 de pag. 312 a 316.

D'esse meio de fazer a guerra, de que muito usavam os Pimenteiras, falla por vezes João do Rego em seus diarios.

As nações de que temos ultimamente fallado habitavam em cabanas cobertas de casca de madeira, ou de folha da palmeira, que tambem lhes servia de vestido e de cama. Pintavam o corpo com tinta de ginipapo e urucu, e se enfeitavam com as pennas da arara, do canindé e de outros passaros de brillhantes pennas. Usavam muito de uma bebida embriagante, feita da jurema, principalmente quando partiam para a guerra, que era sempre precedida de um festim ou cerimonia religiosa, em que se distribuiam pelos guerreiros o licôr embriagante. A distribuição era feita pelas mulheres, e o licôr por ellas tambem fabricado. Assim estimulados e encorajados os guerreiros, encaravam sem medo algum os perigos.

A agricultura não lhes era estranha: — plantavam milho, abobora, mandioca, feijão, e outros vegetaes leguminosos. Á pesca e a caça eram os seus primeiros recursos, e seus maiores prazeres.

VI

Progredia rapidamente a população do Piahy; porém a justiça era passivamente administrada, e do mesmo modo os dinheiros publicos. Os ricos e poderosos, outros tantos regulos, tratavam seus rendeiros e colonos como verdadeiros escravos.

Os jesuitas, tanto mais detestaveis, quanto obravam toda a sorte de arbitrios sob a capa da religião, de posse de uma grande fortuna, e por isso poderosos na capitania, gozando de grandes privilegios, que os reis imprudentemente lhes haviam concedido, eram os verdadeiros senhores da situação, eram a verdadeira justiça, decidiam de todos os pleitos, intervinham em todos os negocios, punham em antagonismo o povo com a auctoridade, e indispunham os índios, sobre quem tinham muito poder e mando, contra os povoadores (*). Senhores e não administradores da grande fortuna de Do-

(*) Vid. Memoria imp. nos Annaes do Instituto Hist., Tom. 4º pag. 278.

mingos Affonso, de que estavam de posse desde 1711, ninguém ousava contrariar-los! (*)

A acção do governo geral, chegando muito tardia ao Piahy, em razão da longa distancia entre o Maranhão e a Mochoa, a corte e o Maranhão, já tendo o Piahy uma população crescidissima, era necessario, que a sua administração corresse independente do Maranhão.

O horrivel attentado contra a existencia de el-rei D. José, attribuido á companhia de Jesus, dando lugar a lei de exterminação de 3 de Setembro de 1759, fez tambem com que o conde de Oeiras accelerasse a criação da capitania do Piahy (**): pois o prudente ministro sabia, que dispondo ali os jesuitas de grande fortuna, e poderosa influencia, só com a criação da capitania, e nomeação de um energico administrador, que a combatesse e anniquilasse, poderia conseguir seus fins (8).

Nestas circumstancias baixou a carta regia de 29 de Julho de 1758, e por patente de 21 de Agosto do mesmo anno foi nomeado governador João Pereira Caldas, que em 20 de Setembro do anno seguinte tomou as redeas da administração da capitania. Seu primeiro acto foi ordenar ao Dr. Luiz José Duarte Freire o sequestro dos bens dos regulares, ha pouco começado por ordem do vice-rei marquez de Lavradio, — e remetter presos para a Bahia os filhos da ordem, que residiam na capella instituida por Domingos Affonso, e eram os padres João de Sampaio, Francisco de Sampaio, Manoel Cardoso, José de Figueiredo, o leigo Jacintho Fernandes, e o donato Antonio Ferreira.

Fez João Pereira Caldas boa administração; distribuiu justiça com toda a imparcialidade, viajou a capitania duas vezes, já quando teve

(*) Morrendo Domingos Affonso, o reitor da companhia de Jesus da cidade da Bahia, que era então o Rdo Pe João Antonio Andreoni, por acto de 20 de Agosto de 1711 nomeou administrador dos bens do fallecido ao Pe Manoel da Costa.

(**) O que se deprehende da leitura de uma carta escripta em 20 de Agosto de 1758 pelo secretario d'estado da repartição da marinha Thomé Joaquim da Costa Corte-Real ao capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

ordem de crear as villas, já no anno seguinte, para observar pessoalmente o progresso da capitania, e fazer sanar certos abusos. Fez além d'isto a conquista dos Guegues, creou os presidios da Rainha, e do Piripiri, e varias missões.

Sendo chamado á corte em 1769, veio substitui-lo Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, que se deixando dominar pela familia Rego, apenas se pôde distinguir pela desarrazoada conquista dos Acoroas e Pimenteiras, e descoberta de minas auríferas, que sempre foi sua mofina, e em resultado uma cruel decepção para elle.

VII

Um importante manuscripto, attribuido a um juiz ordinario, que funcionou no governo de Gonçalo Lourenço Botelho de Castro — e que temos presente — diz o como foi feita a conquista dos Acoroas, e nos revela factos importantes d'essa época, que certamente não seriam facilmente recordados, por não constarem officialmente.

Eis o que diz essa memoria:

«Feita a conquista dos Indios Guegues por ordem do Ill^{mo} Sr. Caldas, precedendo a de S. M., e varias participações ao Sr. general do estado, retirando-se o dito Sr. á corte, e sendo substabelecido o governo pelo Sr. Gonçalo Lourenço Botelho, induziram a este os Regos, a que escurecesse a fama de seu antecessor, ganhada n'aquella conquista, fazendo-se outra de maior estrondo, que servisse de capa aos particulares interesses, que então se forjavam de mover.

«O obstaculo que se considerava a um descobrimento de novas minas, allucinados por um Ignacio Paes, que transferindo a lagoa dourada dos indios Manajoz para o rio do Somno, lhes prometia potosis, e arrastava totalmente os genios, propondo-se para empreza a conquista desejada de novos gentios.

«Sem preceder ordem do soberano, nem ao menos participar-se ao general do Estado, por consulta sómente dos interessados, se declarou a guerra e conquista dos indios Acoroas, desnecessaria a esta

capitania, que tinha as suas fronteiras bem desinfectadas. Expedem-se logo ordens ás camaras d'esta cidade, Valença e Jurumenha para derramas a estes quatro povos, de gente, farinha, cavallos e bois, que importaram em mais de oito mil cruzados.

« Distribuem-se as ordens para esta fingida guerra; vai por chefe da tropa o tenente coronel dos Auxiliares, João do Rego Castello-Branco, o qual elle muito sollicitava pela conveniencia que esperava no descobrimento das novas minas, e marcha-se no descobrimento do ouro, que era o unico objecto d'esta conquista, aproveitando-se da occasião de terem os Gueguez feito umas mortes, em despique de umas offensas antigas, de quando ainda andavam no matto, em uma fazenda de Jurumenha, como era constante ao povo, imputando-as aos Acoroaz, para pretextarem semelhante guerra.

« O pobre Acoroá estava muito bem quieto nas suas aldeias, e muito fóra do districto d'esta capitania, como situado bastantes dias de jornada ao poente do ultimo braço do Parnahiba nas suas cabeceiras: — pois ainda dado, que accomettessem alguns comboios, que iam de Parnaguá para terras novas, aos da capitania de Goyaz tocava segurar aquellas estradas de seus districtos, e castigar aquelles insultos, sendo fantasticos.

« Outros acontecimentos, que se imputavam ao tal Acoroá, de mortes feitas em algumas fazendas do Parnaguá, não porque na realidade não se dêssem aquellas mortes, mas sim por terem sido feitas pelos brancos donos das fazendas, em que aconteceram, eram maliciosamente a elle attribuidas, como averiguou no anno de 1740 o ouvidor d'esta comarca, achando-se naquella villa.

« Na primeira campanha, que foi em 1771, se deu vista ao Acoroá, batendo-os atrevidamente ao romper do dia, ao tempo que se achavam entretidos com a sua dança, unica hora que tem de divertimento, uso inveterado d'estes conquistadores, que dão a seu salvo; — e perturbado o Acoroá com o assalto, fugiu immediatamente para as montanhas, e d'ellas vendo, lhes ficarem as mulheres e filhos prisioneiros, desceu o seu principal Bruemk, e entrou nos ajustes da paz, com as condições costumadas, em que nunca ha

duvida, e a que sempre se falta: — e promette vir para o anno seguinte com toda a gente de duas aldeias, que lhe eram sujeitas, assignando tempo certo de se ir buscar.

« Recolheu-se o tenente-coronel com a presa, e com a de alguns Timbiras, que aprisionou na retirada, muito animado com as promessas daquella pactuada descida, e muito mais, porque tirado aquelle obstaculo, se figurassem outro para chegar ao rio do Somno, onde esperava com os mais empenhados, saciar a sede com que todos se achavam do ouro, que na margem d'aquelle rio, e de outro riacho, se entendia haver.

« No inverno proximo de 1772 se repetem os preparos, as derramas, e as contribuições; recolhem-se em segredo as batéas e almocafres, e mais instrumentos de minerar, que tambem se tinham mandado fazer, — e apromptar as mais cousas precisas para esta segunda expedição. Abre-se de novo a campanha, porém antes d'esta tropa sahir da capitania, já vinha entrando por ella o gentio Acoroá-grande, acossado de seu vizinho Acoroá-mirim. Os nossos porém, não obstante aquella descida com o cheiro do ouro, passaram adiante, para examinare as aldeias deixadas, e farejar o que procuravam, suppondo-se já donos da descoberta, que unicamente appeteciam; porém enganaram-se, porque em lugar de minas, deram de narizes com o tal Acoroá-mirim, que lhes faz buscar a retaguarda mais que depressa, extinto o ardor com que entraram: — voltaram pois os cabos extremamente contristados, de se mallograr esta segunda investida; e quando chegaram a esta cidade, já havia mezes, que por ella tinha passado o Acoroá descido, que de todos os sexos e idades passavam de mil almas, andando todos estes tempos á matroca, variando de assento, com gravissimo prejuizo seu, pelas doenças e mortes, que padeceram, e dos vizinhos senhores das fazendas — pelos gados que lhes matabam, por se lhes não ter antecipadamente buscado sitio, e dado as providencias necessarias.

« Desde que os referidos indios entraram no districto de Paranguá, desceram para esta cidade, andaram vagando nas suas vizinhanças, e depois de situados no sitio Mulato, a que se deu o nome de S.

Gonçalo de Amarante, foram sustentados á custa da real fazenda, de carne e farinha e do que podiam furtar por onde passavam, fóra do que voluntariamente se lhes dava a titulo de esmola : mas como ainda com toda a miseria, fosse sendo consideravel a despeza, e necessario continua-la, enquanto os indios não recolhiam os fructos de suas primeiras plantas, se suspendeu a despeza por conta da real fazenda, e se lançou outra contribuição aos criadores da Parnahiba, Campo-maior e Marvão para supprir, sustentando, o tempo que faltava.

« Era comtudo muito grande a fome na aldeia ; porque d'esse diminuto gado, que lhe davam, e já sem farinha, e um só dia na semana, tiravam os que não eram tapuyos, para comer, e para mandar vender, como faziam enquanto aquelles andaram junto d'esta cidade, e supposto que o indio soffresse esta falta com paciencia, sempre se remediava com os gados das fazendas vizinhas, não podia aturar, que os seus guardas, semi-directores, e soldados da escolta, e mais adjuntos, lhes tirassem, cada vez que quizessem, as mulheres para usar d'ellas como communs.

« E menos que isto ainda, que os castigos fossem muito frequentes, e por todos dados por motivos leves, e muitas vezes por exercitar nellés imperio sómente, faltando-lhes a todas as promessas feitas (*), de que tudo resultou resolverem-se alguns a fugir, para se livrarem de tanta vexação. Juntos, e postos a caminho buscavam a sua antiga morada ; porém sendo seguidos promptamente, foram presos uns e postos em pedaços outros, trazendo-se as orelhas d'estes, que se pregaram nos lugares publicos da aldeia, para terror dos que não fizeram movimento algum naquella occasião.

« Neste tempo chega o principal Bruemk do Maranhão, onde tinha ido buscar para sua aldeia uma partida de parentes, que no anno antecedente tinha descido com a nossa bandeira, tomados no presente assalto na fórma já dita, que por errada politica se tinham mandado com alguns timbiras, para a dita cidade do Maranhão : e vendo tantos castigos, tanta carnicaria, tanta crueldade e tanta ve-

(*) E mais ainda infringindo violentamente as disposições do Directorio de 3 de Maio de 1757 !

xação, e violação do ajustado por aquelles mesmos homens, que em nome de seu principe lhes tinham segurado uma bella paz, muita fortuna, e segura amizade, a quem elle com a sua gente, deixando a patria e a liberdade, e o pouco que tinham, se entregaram de boa fé, sem que de sua parte dessem causa attendivel para semelhante tratamento, marcha a esta cidade (Oeiras) e se queixa amargamente ao governador, pedindo-lhe uma satisfação do succedido, ou ao menos que evitassem semelhante desordem para o futuro, e as mandasse tirar dos logares em que se achavam pregadas as orelhas dos que se tinham mandado passar á espada sem outra culpa, que a de quererem evitar com a fuga o que já não podiam levar com paciencia, e dos troncos os que se achavam presos pela mesma causa.

« Não foi attendido Bruemk ; porque não eram minas do rio do Somno ; retira-se summamente picado da desfeita, e vendo que lhe não restava outro remedio, caminha 30 leguas em menos de 24 horas, e na mesma noite em que chega, com todos os principaes parentes, que se achavam na Missão, deixa com elles o rancho, e marchando em muitos e espalhados magotes para o matto, demandam a sua antiga morada.

« Avisa o tenente coronel João do Rego d'este acontecimento o governador, que, para o remediar, faz seguir os foragidos por diversas partidas, que expede a toda a diligencia ; e o dito coronel fica na aldeia sustentando o resto, que tinha ficado d'aquella nação, e manda seu filho Felix do Rego e um impavido Theodosio, que se intitulava ajudante das entradas, acompanhados de alguns auxiliares, e Gueguez, seguindo o alcance dos fugidos, e ao caminho se lhes aggregaram alguns soccorros de cá expedidos, com que engrossaram as suas tropas, e alcançando successivamente as malocas dos tapuyas, os vão passando todos a ferro, segundo a sua inclinação, e ordens de seu pai o tenente coronel, e não seguindo as que lhe dirigiu o governador na carta de instrucção, que determinava o contrario.

« Duas façanhosas proezas, ou famigeradas acções se viram executadas nesta occasião pelos grandes Theodosio e Felix do Rego : a primeira, muitas vezes repetida consistiu na grande piedade, que

alcançaram as donzellas, e meninos, que se iam encontrando em um e outro magote dos fugidos; porque vendo estas matar a sangue frio a seus pais, irmãos e parentes, que não resistiam, nem levavam armas de qualidade alguma, para o fazer, se humilhavam, batendo as palmas das mãos, que entre elles é o modo mais expressivo de misericórdia, para commoverem a ternura; mas nesta mesma acção de humildade, digna da maior compaixão, se lhes trespassam os peitos até darem o ultimo suspiro, sem lhes valer a fraqueza do sexo, e o tenro da idade, a falta de resistencia, e carencia de culpa, e o pedirem humilde e incessantemente misericórdia.

« Sem lhes valer o serem innocentes nessa inculpavel acção de fugirem, seguindo a seus parentes, que as levavam, e a quem tinham obrigação de obedecer, sendo igualmente estes impuniveis na sua fuga, que fizeram, posto se lhe desse o nome de levante, e rebelião, para se proceder com aleivosia na fórma do estylo, que assim costumam praticar as maiores crueldades; porque não fizeram hostilidade alguma não só na aldeia de que sahiram, mas nem ainda pelas fazendas, e caminhos por onde passaram.

« Segue-se o rasto aos que ainda faltavam, e ultimamente se vem render uns dezoito voluntarios, pedindo os conduzissem para a companhia de seus parentes, com os quaes promettiam viver quietos: — seguram-se logo, amarrando-se bem, com o pretexto de não tornarem a fugir; — mas depois de manietados, se passam todos á espada, deixando os corpos no campo, para pasto das feras.

« Chegam os dous cabos da sua jornada, e dão parte dos successos referidos: em lugar de aspero castigo, que mereciam pelas crueldades que fizeram, e por terem ido contrarios á ordem, que por escripto se lhes mandara, além de terem elles e o seu commandante sido a causa da fuga com os seus castigos, e desaforadas insolencias que commetteram, elles foram os que castigaram os fugitivos, elles os principiarão a acommetter, e acabaram de destruir, mas nesta fórma ficou tudo em paz, por ficar a gosto e conforme a ordem do carrasco do commandante; e basta que ficaram reduzidos ao numero de menos de quatrocentos, sendo de mil duzentos e trinta

e sete, que entraram nesta comarca, tendo os mais acabado a ferro.

« No anno de 1780 vendo-se o tenente-coronel João do Rego na missão de S. Gonçalo com menos indios do que desejava, para mandar em seu serviço, que tantos são, quantos escravos tem, entrou no projecto de ajuntar os Guequez na mesma missão, tirando-os da de S. João de Sendé, onde viviam domesticados, quietos e estabelecidos com suas roças, que os sustentavam: e com effeito o poz por obra, fazendo-os ir contra sua vontade para aquella missão, sem preceder a providencia de lhe fazer as commodidades necessarias para sua subsistencia.

« Vendo-se os miseraveis Guequez entre inimigos e acossados de trabalho, e mortos de fome, se pozeram a caminho para sua missão, que dista d'esta cidade 8 leguas ao norte pouco mais ou menos. Mandado logo o tenente coronel a seu filho Felix do Rego e alguns aggregados atrás dos Guequez fugitivos, para que os seduzissem a voltar para a missão de S. Gonçalo; e com effeito os capacitaram: porém arrependendo-se em caminho, e querendo ir para sua missão de S. João de Sendé, mataram parte d'elles, e levaram as cabeças, que pozeram em mastros na aldeia de S. Gonçalo, para o tempo as consumir.

« Tendo noticia d'essas mortes, e cortamento de membros o ouvidor, que então era o capitão Domingos Gomes Caminha, ordenou ao juiz ordinario Marcos Francisco de Araujo Costa se passasse áquelle logar, e procedesse a devassa: — o qual assim fez: e tendo noticia o tenente-coronel João do Rego, logo foi á casa em que estava o dito juiz, dizendo, que elle ia para se passar termo de que elle fôra o que mandara fazer aquellas mortes, por entender que o podia fazer; e com effeito se lavrou o termo, que o dito tenente-coronel assignou, e se apensou á devassa, a qual, por serem os complices auxiliares, aquelle ouvidor pronunciou, e mandou que se remettersse a propria á junta do estado. Requereu o dito tenente-coronel ao governador geral D. Antonio de Salles e Noronha, mandasse ir a devassa para sua secretaria, o qual assim mandou, e apresentando-se o despacho ao governo interino d'esta capitania, onde era adjunto o

referido ouvidor, respondeu este, que o despacho antes de vir estava cumprido, pois já tinha ido a propria devassa: — queriam que fosse tambem o traslado, o que duvidou o tal ouvidor, dizendo que não ficar no cartorio traslado, era contra as leis, de que se originaram, e cresceram odios contra o mencionado ouvidor, e se lhe tem feito conhecidas falsidades, e injustiças.

« Largando aquelle ouvidor a vara, dizem que o governo interino mandára recolher o traslado da dita devassa á secretaria, e se não sabe porque, sendo que a propria se ha de achar na secretaria da real junta do Estado, sendo livres os delinquentes por perdões, cujas sentenças vieram para se registarem... (*) »

VIII

Restava a conquista dos Pimenteiras, que habitavam as margens do rio Piahy, quasi em suas cabeceiras.

O coronel João do Rego, apesar de velho e quasi cego, tomou a seu cargo a conquista; porque apesar de alquebrado de forças não tinha perdido a mania de querer achar o el-dorado. Fizeram-se derramas pelos termos de Jurumenha, Valença e Paranaguá, como era antiga usança, sempre que se quiz conquistar Indios.

A primeira expedição marchou de Oeiras em o 1º de Agosto de 1776, mas foi tão infructifera, que os heroes da conquista do pomo de ouro voltaram envergonhados, porém não desanimados completamente. Em 15 de Setembro novas forças marcharam contra os Pimenteiras, e em demanda de minas auríferas. Foi um segundo desengano, e pelo que muito soffreram os pobres Indios, que muito foram incommodados em sua pacifica solidão. Houve uma terceira expedição, que partiu de Oeiras em o 1º de Abril de 1783, e ainda

(*) Aqui se finda a memoria, que não tem data. O traslado da devassa não existe no archivo da secretaria do Piahy, pelo que supponho que de proposito a desencaminharam; porém o facto dos assassinatos dos Guequez consta officialmente.

uma quarta no anno seguinte, sendo cabos das ultimas entradas Manoel Ribeiro Soares, e Manoel da Rocha Rajão (*).

Em 1793 se levantaram no Paranaguá os Indios Tapacuá, e Tapacuámirim. O capitão Manoel Ribeiro Soares, indo pacifica-los, os arremegou para a capitania de Goyaz.

Não havendo mais no Piahy nação alguma indigena que precisasse ser chamada ao seio da religião e civilisação (!), pois que os Pimenteiras estavam completamente aniquilados por amor da civilisação, e as demais aldeias em varias localidades, cessaram as derramas, suspenderam-se as contribuições, e tambem as investigações mineralógicas.

Nesta situação, estava a capitania entregue a um governo interino sem força e sem prestigio, quando tomou posse do governo do Piahy D. João de Amorim Pereira.

IX

Dos governadores que teve o Piahy um dos mais intelligentes foi certamente D. João de Amorim, que ácerca da sua capitania se exprimia para a cõrte com consciencia e verdade: — foi talvez o unico que comprehendeu bem os remedios, que deviam ser applicados a seus males.

Entre as muitas idéas, que lhe foram suscitadas pelo estudo reflectido das necessidades do Piahy, a mudança da séde do governo da capitania para a margem do Parnahiba, o occupou com preferencia. Escrevendo elle em 8 de Abril de 1798 a D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois de algumas considerações geraes ácerca da indole e character dos habitantes, assim se exprime:

(*) Diz Aires do Casal na sua *Corographia Brasílica*, que os Indios Pimenteiras eram descendentes de varios casaes, que viviam domesticados com os brancos nas vizinhanças de Cabrobó, e que desertaram pelos annos de 1685, afim de não acompanharem as bandeiras, quando faziam guerra aos indigenas: e affirma mais, que as suas hostilidades começaram em despique de um cão, que se lhes matou nas vizinhanças do Gurugueia. Não podemos aquilatar o grão de verdade com que Casal menciona este facto: não estamos longe de crer que foi isso um pretexto para a guerra, e por seu turno engendrado por amor da descoberta da Lagôa Dourada.

« ... A situação d'esta capitania é diametralmente opposta, não só ao seu adiantamento, mas ainda mesmo á sua conservação ; a experiencia o tem mostrado, e as razões seguintes o manifestam.

« Em primeiro lugar o terreno da capitania é incapaz da produção necessaria para a sustentação de seus habitantes ; pois todos os generos, que se consomem nesta cidade (Oeiras) vem d'aqui 10, 15, 20 e mais legoas em cavallos, que apenas carregam 5 arrobas, e fazem por dia 5 a 6 legoas de caminho, o que faz com que sejam mais caros do que em Portugal, sendo por mar conduzidos dos portos d'este continente : — esta razão unida a grande preguiça, quasi universal d'estes povos, os reduz muitas vezes a padecer muitas fomes, o que não succederia si fôsse situada (a capital) nas margens do excellente rio Parnahiba, navegavel algumas duzentas legoas, abundantissimo de peixe, sendo suas margens susceptiveis de mais e melhor produção de todos os effeitos, que fazem o principal objecto de transporte para os portos de Portugal ; o melhor é certamente o que já se vai colhendo (algodão), que podia e até devia produzir em grande abundancia. O assucar, o arroz, o tabaco, e todas as mais produções da America progrediriam, si tivesse tido um braço, que animasse a sua produção, e um genio que buscasse os meios de seu augmento...

« Em todas as partes do mundo o que faz a abundancia é o commercio, e o que o promove, são as facilidades que a natureza ou a arte lhes administra : — o transporte pelo rio é sempre comodo, muito mais quando as suas mencionadas margens lhes offerece produções interessantes. O que fez augmentar o commercio do Maranhão foi a produção das mattas do rio Itapocurú, que sendo muito extensas, e abundantes, não excedem as do Parnahiba, na barra de cujo rio está situada a villa de S. João da Parnahiba, que apesar de não ter tido uma pessoa vigilante para seu augmento, e commercio, está muito melhorada, que esta cidade, não só na construcção de seus edificios, e regularidade de interior, mas na abundancia, que sempre ha nella, tanto pelo seu termo, como pelos continuos soccorros, que lhe entram pela barra, como pelo

interior do mencionado rio : — ali tem havido e ha commerciantes, que transportam para o porto de Lisboa e cidade do Porto muitos generos dos que produz este clima, que presentemente não fazem, por terem tido bastantes perdas nas embarcações tomadas pelos corsarios francezes, navegando d'aquelle para os portos do Maranhão, Pará, Bahia e Pernambuco.

« Das villas de que se compõe esta capitania, só uma está no lugar em que devia estar indispensavelmente situada, que é a de Paranaguá, aonde ella faz extrema com as capitancias de Pernambuco e Bahia. A villa de Jurumenha, distante 6 legoas do Parnahiba (*), aonde deveria ter-se estabelecido, e aonde pelas commodidades já expressadas seria summamente abundante, é falta de todo o preciso, pobre e miseravel. Valença ainda mais pobre, devendo ser formada juncto do dito rio. Marvão é a mais pobre, e que precisa ser mudada para d'ali trinta legoas, para o lugar das Piranhas, que é muito mais abundante, e cheio de gente, e que por sua situação na raia da capitania do Ceará, é mais propria para assistir ali o juiz.

« Esta capital que pelo seu ponto central dista da villa de Campo-maior 80 legoas, sendo mudada para a de S. João da Parnahiba, ficaria distando 40, e de todas as mais com pouca differença.

« O meu parecer, Ex^{ma} Sr., é que V. Ex^a proponha a S. M. a mudança da cidade para aquella excellente villa, que dentro em pouco tempo virá a ser uma boa cidade...

« O rio Parnahiba é tão proprio para uma grande navegação, produção, e cultura, que espontaneamente na barra que nelle faz um dos muitos, que se lhe ajuntam, e que são navegaveis até certa distancia, principalmente no tempo das chuvas, chamado Puty, um dos ditos de maior produção, se formou uma povoação tal com negocio, capella e um cura d'esta freguezia, que não só é melhor que quasi todas as villas, como que não precisa mais nada do que a creação de um juiz. »

(*) Aliás 7.

Em 19 de Agosto escreveu D. João sobre o mesmo assumpto, e pediu ao ministro, que providenciasse e decidisse a utilissima mudança da residencia dos governadores para a villa da Parnahiba, onde, disse elle: « Podem vêr com uma facilidade grande as dilatadas e excellentes margens do Parnahiba, navegavel mais de 200 legoas, animar a sua navegação, e cultura, navegando por elle mesmo com as commodidades, que se não podem praticar nesta terra esteril, agreste e carissima; pois V. Ex^a bem sabe as vantagens que offerece o transporte por mar... »

Não conseguiu D. João levar a effeito seu tão importante pensamento, que só veio a realisar-se 54 annos depois para local mais conveniente do que a cidade da Parnahiba. (*)

Largando D. João o governo da capitania, foi substituido por Pedro Cesar de Menezes, a que se seguiu um governo interino, que funcionou até que tomou posse Carlos Cesar Burlamaque, que não foi tão feliz administrador, como era para esperar. Sua muita energia e severidade concorreram para que a camara, exercendo seu maximo poder, o depuzesse e prendesse. Esta comedia, que a camara soube tão bem representar, teve, como era natural, consequências tragicas: seus membros foram castigados severamente.

Não serviu porém isso de exemplo para que em 1813 se não reproduzisse o mesmo facto na pessoa do ouvidor Luiz José de Oliveira (ao depois barão de Monte Santo) membro do governo interino, que andou por mercê de seus dous collegas da governança de Herodes para Pilatos até que foi ter preso a Bahia, conduzido por uma forte

(*) A idéa da mudança da capital para a Parnahiba reapareceu em 1812, e 1816. Legislou a Assembléa Provincial sobre a mudança nas administrações dos Srs. Souza Ramos, Perette, e Zacarias de Góes. O pensamento da mudança nunca abandonou o espirito publico, e era uma necessidade reconhecida por todos. D. Marcos Antonio de Souza, bispo do Maranhão officiendo no 1º de Dezembro de 1835 ao ministro da justiça, e informando-o sobre a creação de uma nova diocese na provincia do Piahy, disse: « A cidade de Oeiras, capital da provincia do Piahy, existindo em um logar central e remoto, não offerece commodidades para as dependencias do governo, e por isso algumas vezes no congresso de Lisboa, e ainda na camara electiva do Rio de Janeiro se tem proposto ser trasladada para a Parnahiba, de que dista 120 legoas, ou ainda para outro logar mais conveniente aos comprovincianos: sua localidade concorre para ser pouco povoada, e por isso não apresenta por ora a grandeza sufficiente para a categoria de uma cidade episcopal.

escolta. Estes factos, ainda que graves, em nada fizeram alterar a tranquillidade publica. João Gomes Caminha, e João Leite Pereira de Castello Branco, auctores da prisão de Luiz José, foram severamente punidos.

X.

O grito constitucional levantado pelos Portuguezes trouxe ao Brazil uma nova ordem de cousas; e na capitania do Piahy, desde que foi jurada a constituição portugueza, a ambição pela liberdade tomou maior vulto, a idéa de emancipação politica começou a germinar. O juiz de fôra da Parnahiba, Dr. João Candido de Deus e Silva, homem activo, e de sentimentos patrioticos, via luzir em seus sonhos de liberdade uma estrella brilhante para o Brazil.... Elle principiou a prégar ao povo, a ensinar-lhe o caminho da felicidade futura. Em Novembro de 1822 a Parnahiba levantou o grito de independencia, e acclamou o Sr. D. Pedro I, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo.

Chegando a Oeiras tão importante noticia, o major Fidié, commandante das armas, aterrado, apesar de já esperar o golpe, fez reunir com a maior brevidade toda a força que tinha á sua disposição, e seguiu para a Parnahiba, afim de abafar o grito de independencia.

Chegando á Parnahiba, ali não achou a quem castigar; a villa estava deserta; pois o Dr. João Candido se tinha passado para o territorio do Ceará com todos os seus amigos, em razão de ali já se ter acclamado a independencia, e poder gozar de maior confiança. Em quanto João Candido tinha preparado as cousas na Parnahiba, e Piracuruca, o capitão Luiz Rodrigues Chaves dispunha os animos do povo de Campo-maior para o acto de nossa emancipação, ajudado por Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, Joaquim Carvalho de Almeida, Francisco Felix Narciso Castello-Branco, Antonio José Henriques, José da Costa Alecrim, e outros amigos da santa causa do Brazil.

Logo que o major Fidié deixou a cidade de Oeiras, para ir bater a villa da Parnahiba, na capital as cousas mudaram de face: os amigos do commandante das armas abandonaram a causa de Portugal, e de bom animo adheriram ao movimento de 2 de Novembro. Isso succedia em principios de Janeiro de 1823; e no dia 24 pronunciou-se a cidade de Oeiras, levantando o grito de independencia, entre vozes enthusiasmas de — viva o Sr. D. Pedro I! Reunidas as pessoas mais gradas no senado da camara, procederam á eleição de um governo temporario, e sahiram eleitos aquelles com que Fidié mais contava.

A noticia d'este novo acontecimento chegou muito tarde ao commandante das armas, que ainda estava na Parnahiba combinando planos de ataque; logo porém que o soube, e certo tambem da pouca segurança da capital, e dos poucos recursos de que poderia dispor em uma defesa, resolveu sahir da Parnahiba e vir atacar a capital. Ao tempo que taes projectos engendrava, teve noticia de que forças vindas do Ceará tinham entrado na villa de Piracuruca, e que esta tambem se havia jurado independente.

Contrariado em suas vistas sahe Fidié da Parnahiba no 1º de Março á frente de mais de 1,300 praças, e se dirige primeiro á villa de Piracuruca, que acha deserta. Inda mais receoso se encaminha para Campo-maior. Já nesse tempo o major Bernardo Antonio Saraiva, Alexandre Pereira Nerêo, e Luiz Rodrigues Chaves marchavam ao encontro de Fidié com numerosa força, porém sem disciplina, sem munição, quasi que desarmada.

No dia 13 de Março as duas forças estavam em frente uma da outra nas immedições de Campo-maior. Fidié foi obrigado a combater. Pelas oito horas e meia d'esse mesmo dia, no lugar Ginipapo se empenhou o combate. Depois de tres horas de vivissimo fogo, a maior parte da força patriótica que combatia com foices e machados, não pôde resistir a quatro bocas de fogo, e a uma força bem disciplinada, abandonou o campo, e veio refugiar-se na villa. O resto, completamente desbaratado, tomou a direcção de Oeiras, deixando muitos mortos e prisioneiros, entre outros o capitão Manoel Martins Chaves.

A força portugueza perdeu na acção do Ginipapo mais de 100 soldados.

Alexandre Pereira Nerêo que havia entrado na villa de Campo-maior com um grupo destroçado, que lhe restava do fatal ataque, vendo que Fidié triumphante nesse primeiro encontro, viria atacar a villa, sahiu á frente dos seus pela estrada de Marvão, e encontrando a 5 legoas de distancia na fazenda Tapera o capitão Florencio de Oliveira Magalhães, que do Ceará vinha com um auxilio de 300 homens a cavallo, fez com elle junção, e voltou sobre Campo-maior. O major Fidié já não estava na villa; tinha-se posto de marcha para a povoação do Estanhado.

O commandante portuguez, vendo que a sua situação se ia tornando grave de dia para dia, que a sua existencia e a dos seus companheiros corria grande risco, por não encontrar apoio em parte alguma, e saber que a provincia em peso, levantando-se contra elle, protestava anniquilla-lo, vendo crescer a torrente, a ponto de já não ser possível contê-la, achou prudente abandonar o territorio do Piahy, e no dia 15 de Março pelas 11 horas do dia deixou Campo-maior, e chegando ao Estanhado, atravessou o Parnahiba, e tomou a direcção de Caxias que ainda se não tinha pronunciado, e onde contava com fieis amigos.

As forças do Piahy e Ceará sob o commando do general das armas Joaquim de Souza Martins, passando para o territorio do Maranhão, sitiaram Fidié em Caxias.

Assim se fez no Piahy a independencia...

XI

Fez-se a independencia; o Brazil teve instituições liberaes; todos os Brasileiros foram felizes depois da emancipação politica; as provincias á sombra do nosso pacto fundamental prosperaram e se engrandeceram; porém o Piahy nunca pôde applaudir e bendizer o dia 24 de Janeiro de 1823! Porque o Piahy continuou a gemer, e a esterilizar-se sob o jugo degradante de um governo despotico e im-

moral, de que ha poucos exemplos na historia. Vinte annos de acerbas provações, vinte annos de descrença amarga, vinte annos longos assignalados por outras tantas enormidades, vinte annos governou o infeliz Piauhy um homem sem principios, sem educação, que deveu todo o seu merecimento a uma d'essas aberrações da fortuna, a um d'esses caprichos monstruosos da sorte. E elle governou sua provincia por quasi vinte annos ! Sem lei ; porque esta — eram os arrebatamentos fataes de seus máos instinctos ! Sem justiça ; porque elle foi o algoz da honra e da vida de seus concidadãos ! Seu governo, foi sempre sua vontade e seu arbitrio. Esse homem ainda existe, e o historiador que para o futuro quizer d'elle fallar, e de seu governo, escreverá — nada — sobre uma pagina negra.

PARTE TERCEIRA.

I

SEQUESTRO DOS BENS DA COMPANHIA DE JESUS.

Fica já dito, mas não é escusado repeti-lo, que o vice-rei marquez de Lavradio ordenára ao ouvidor Luiz José Duarte Freire, que desoccupando-se de qualquer outro exercicio pozesse em sequestro geral todos os bens moveis e de raiz, rendas ordinarias e pensões, que os religiosos da companhia possuiam e cobravam no Piauhy. Em cumprimento de ordem tão positiva e terminante foram sequestrados os bens deixados por Domingos Affonso aos jesuitas, para por elles serem administrados, e de seu producto cumprirem os legados pios com que os deixou pensionados. Se esses bens de que temos fallado foram bem ou mal adjudicados à corôa, se já pertenciam á companhia de Jesus, se os legados pios estavam cumpridos, não nos importa saber, e sim que bens eram esses, e que valores tinham.

As fazendas que constituíam a capella grande e pequena, instituidas por Domingos Affonso eram 39, e d'ellas faziam parte 50 sitios,

que se achavam arrendados a particulares por 10,000 réis annuaes (*). Os jesuitas compraram algumas outras fazendas e situações limitrophes com as terras do finado Domingos Affonso, e engrossaram assim a propriedade de que estavam de posse (**).

Feito o sequestro e remetidos para a Babia em segura custódia os filhos de Loyola, o governador Pereira Caldas dividiu as fazendas em tres inspecções, a que se deram administradores, e o conveniente numero de vaqueiros.

Muitas d'estas fazendas foram por el-rei doadas a particulares, que tinham empobrecido no serviço do estado, ou que tinham na corte poderosos padrinhos (**).

(*) Canna-braba, Porto-Alegre, Tatú, Panella, Jacaré, Carahibas, Sitio do meio, Boa Esperança, Angical, Lagôa, Conceição, Bom Jardim, Cachoeira, Almas, Santa Cruz, Castello, Bority, Prata, Salinas, Santo Antonio, Esfollado, Canna-Vieira, Santa Rosa, Serra Vermelha, Riacho, Riacho da Almecega, Madre de Deus, Espirito Santo, Santa Isabel, S. Nicolau, Mendes, S. Victor, Macacões, Sobrado, S. Pedro de Alcantara, Malhada dos Cavallos, Riacho da Onça, Santa Anna, S. João, Piripiri, Flores, Agua Verde, Supicu.

(**) A fazenda Pobre foi comprada pelo reitor da companhia a D. Antonia Fonseca de Jesus, viuva de Domingos Jorge, e a Manoel Cardoso da Costa. As fazendas Sallinas e Cachoeira foram compradas pelo mesmo reitor em 1759 ao capitão-mór Antonio Gonçalves Neiva, e desembargador André Leirão de Mello. As fazendas Guariba e Matto foram compradas pela companhia em 1743 ao mesmo capitão-mór Neiva, e a D. Ignacia de Araujo Pereira, viuva do coronel Garcia de Avila. As fazendas Sallinas da Itauera e S. Romão foram arrematadas em execução que o collegio moveu a Domingos Jorge. Agua Verde foi doada ao collegio por Martinho Soares, e seus gados por Antonio Ferreira de Armonda.

(***) Agua Verde foi doada ao capitão Francisco da Cunha e Silva Castello-Branco: — S. Romão ao tenente-coronel João do Rego Castello-Branco: — Sallinas do Canindé ao ajudante Caetano da Cêa Figueiredo: — Sallinas da Itauera ao capitão Luiz Miguel dos Anjos: — Riacho dos Bois ao capitão Antonio José de Queiroz: — Tatu ao tenente Manoel Pacheco Tavira.

Fazendas que no Piauí administraram e possuíram os Regulares da Companhia de Jesus.

Capella-Grande.

FAZENDAS	CAPITAL	BENS RENDI- VEIS DO GADO VACCUM	RENDIMENTO DO GADO VACCUM	QUARTOS PARA OS CRIADORES	IDEM PARA OS DO GADO CAVALLAR
Algodões	7:635,8000	6:400,8000	450,8000	150,8000	8
Bority	2:040,8000	1:340,8000	100,8000	33,8334	8
Baixa dos Veados	2:146,8000	8	8	8	60,8000
Boqueirão	2:017,8400	1:467,8400	70,8000	23,8000	8
Brejinho	1:483,8000	803,8000	70,8000	23,8000	8
Brejo de S. Ignacio	2:855,8160	1:835,8000	80,8000	8	8
Brejo de S. João	2:201,8200	1:720,8000	200,8000	8	8
Campo Grande	6:612,8000	5:500,8000	500,8000	166,8667	8
Castello	9:192,8000	7:000,8000	670,8000	223,8334	8
Campo Largo	9:771,8000	7:750,8000	800,8000	266,8661	8
Catharens	4:575,8000	4:000,8000	300,8000	100,8000	8
Cajazeiras	1:142,8000	8	8	8	57,8000
Cachoeira	2:578,8600	2:008,8600	200,8000	66,8667	8
Caché	847,8800	740,8800	43,8337	13,8340	8
Espinhos	2:749,8800	1:724,8800	220,8000	73,8333	8
Fazenda-Grande	2:421,8600	1:936,8600	220,8000	73,8333	8
Ginipapo	1:687,8000	8:000,8000	80,8000	26,8666	26,8600
Gamelleira do Canindé	4:565,8000	4:000,8000	300,8000	100,8000	8
Gamelleira do Piauí	3:827,8600	2:492,8600	370,8000	123,8333	8
Ilha	5:594,8000	4:560,8000	360,8000	120,8000	8
Inchu	2:618,8000	1:828,8000	150,8000	50,8000	8
Julião	1:744,8000	1:344,8000	110,8000	36,8666	8
Lagôa de S. João	2:048,8000	1:500,8000	80,8000	26,8666	25,8000
Mocambo	1:258,8000	640,8000	50,8000	16,8666	32,8050
Olho d'Água	1:832,8800	400,8000	45,8000	15,8000	33,8750
Poções	6:006,8000	5:000,8000	560,8000	186,8666	8
Pobre	2:452,8000	1:952,8000	150,8000	50,8000	8
Nazareth	752,8340	665,8000	40,8000	8	8
Serrinha	2:682,8000	2:002,8000	180,8000	60,8000	8
Sallinas	1:603,8800	1:163,8800	160,8000	53,8333	8
Serra Grande	4:951,8800	4:276,8800	450,8000	150,8000	8
Saquinho e Sacco	11:615,8000	6:600,8000	600,8000	200,8000	100,8000
Tranqueira do meio	1:808,8000	988,8000	150,8000	150,8000	50,8000
Tranqueira de baixo	2:742,8000	2:122,8000	168,8000	56,8000	8
Sallinas da Itaucira	385,8000	8	8	8	21,8250
SOMMA					

Capella-Pequena.

FAZENDAS	CAPITAL	BENS RENDI- VEIS DO GADO VACCUM	RENDIMENTO DO GADO VACCUM	QUARTOS PARA OS CRIADORES	IDEM PARA OS DO CAVALLAR
Guaribas	6:606,8640	5:456,8000	660,8000	220,8000	8
Matto	2:804,8000	2:144,8000	260,8000	86,8000	8
SOMMA					

Fazendas pertencentes ao Collegio da Companhia, e do que o mesmo possuía em outras fazendas, etc.

FAZENDAS	CAPITAL	BENS RENDI- VEIS DO GADO VACCUM	RENDIMENTO DO GADO VACCUM	QUARTOS PARA OS CRIADORES	IDEM PARA OS CRIADO- RES DO CAVALLAR
Água Verde	3:425,8820	2:500,8000	250,8000	83,8334	8
Brejinho	15,8000	8	8	8	8
Brejo de S. João	8,8060	8	8	8	8
Brejo de S. Ignacio	5,8980	8	8	8	8
Castello	57,8000	8	8	8	8
Cajazeiras	135,8000	8	8	8	68,250
Espinhos	33,8000	8	8	8	8
Gamelleira	9,8000	8	8	8	8
Ilha	14,8400	8	8	8	8
Poções	87,8500	87,8500	13,8000	4,8334	8
Riacho do Bois	714,8000	8	8	8	15,8000
Sallinas da Itaucira	1:470,8000	442,8000	40,8000	13,8333	30,8000
Sallinas do Canindé	4:000,8000	3:200,8000	290,8000	96,8666	8
S. Romão e Tatú	11:599,8640	9:350,8000	850,8000	283,8333	8
SOMMA					

Bens pertencentes ao Noviciado do Collegio.

Água Verde	852,8000	750,8000	50,8000	16,8666	8
Castello	6,8000	8	8	8	8
Campo-Largo	20,8000	8	8	8	8

RESUMO.

Capella-Grande . . .	120:110\$100	86:587\$400	\$	2:534\$333	352\$050
Capella-Pequena . . .	9:410\$640	7:600\$000	7:923\$000	306\$666	\$
Collegio	21:576\$400	13:779\$500	920\$000	481\$000	51\$250
Noviciado	878\$000	750\$000	1:443\$000	16\$666	\$
			50\$000		
SOMMA TOTAL. . .	151:975\$140	110:716\$900	10:336\$000	3:338\$663	403\$300

Em 1809 foi ordenado que todas as fazendas se arrematassem em hastea publica. Esta tão acertada medida não teve lugar; — a provisão de 20 de Junho foi revogada.

Em 1811 o ouvidor Luiz José de Oliveira procedeu a inventario das fazendas, e d'esse trabalho damos o seguinte resumo, que muito bem serve, para se comparar o seu progresso nos annos seguintes.

Inspeção de Nazareth.

Gamelleira — com tres leguas NS. partindo do riacho Cajazeiras até o riacho fundo na fazenda Arrayal, e 3 leguas LO. das cabeceiras do riacho Mimbó até a margem do Canindé; com 15 escravos, 45 cavallos, e 1,800 cabeças de gado de toda a sorte: — sua avaliação, rs. 7:299\$820.

Guaribas — com 4 leg. LO., e 3 NS.; com 17 escravos, 108 cabeças de gado cavallar, e 2,500 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação, rs. 9:544\$440.

Matto — com 4 leg. NS., e 2 de LO.; 10 escravos, 41 cavallos, e 1:200 cabeças de gado: — sua avaliação rs. 4:774\$280.

Lagoa de S. João (Caretá) — com 4 leg. NS., e 2 LO; 7 escravos, 76 cabeças de gado cavallar, e 1,200 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação rs. 4:789\$440.

Olho d'Agua — com 2 e meia leg. NS., e 1 e meia de LO.; 25 escravos, 351 cabeças de gado cavallar, e 1,000 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação rs. 7:220\$040.

Mocambo — com 3 leg. de terra NS, e 3 de LO; 20 escravos, 72 cabeças de gado cavallar; e 1,100 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação 5:357\$420 rs.

Serrinha — com 2 leg. de terra NS, e 3 de LO; 23 escravos, 72 cabeças de gado cavallar, e 3,200 cabeças de gado-vaccum: — sua avaliação réis 11:325\$040.

Ginipapo — com 3 leg. NS, e 2 de LO; 8 escravos, 61 cabeças de gado cavallar, e 600 de gado vaccum: — sua avaliação rs. 3:739\$800.

Algodões — com 4 leg. NS, e 4 de LO; 26 escravos, 74 cavallos, e 3,000 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação 11:637\$240.

Catharens — com 3 leg. NS, e 3 de LO; 12 escravos, 48 cavallos, e 2,000 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação réis 7:575\$760.

Tranqueira — com 3 leg. NS, e 2 de LO; 17 escravos, 67 cavallos e 2,500 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação rs. 8:802\$800.

Residencia (*) — com uma capella, e seus pertences, e 16 escravos: — sua avaliação rs. 1:721\$130.

Inspeção do Piauhý.

Sallinas — com 6 leguas NS, e 1 LO, 18 escravos, 32 cavallos, 1,000 cabeças de gado vaccum: — sua avaliação 6:122\$880 rs.

Brejinho — com 4 e meia leguas NS, e 1 e meia de LO; 18 escravos, 26 cavallos, e 400 cabeças de gado de toda a sorte: — sua avaliação rs. 3:783\$600.

Fazenda grande — com 3 leg. NS, e 4 de LO; 27 escravos, 37 cavallos, e 1,200 cabeças de gado: — sua avaliação 7:163\$320 rs.

Boqueirão — com 7 leg. NS, e 1 de LO; 11 escravos, 28 cavallos, e 900 cabeças de gado: — sua avaliação rs. 5:759\$120.

Gamelleira — com 3 leg. NS, e 2 de LO; 19 escravos, 47 ca-

(*) A residencia está situada na fazenda Algodões.

vallos, e 2:400 cabeças de gado; — sua avaliação rs. 10:768,7040.

Caché — com 1 leg. NS, e 2 e meia de LO; 5 escravos, 18 cavallos, e 100 cabeças de gado; — sua avaliação 1:563,7000 rs.

Serra — com 3 leg. de extensão e 2 de largura, 20 escravos e 2.500 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 11:170,7320.

Cajazeiras — situada nas terras da fazenda Serra, com 19 escravos, 35 lotes de eguas e 400 bestas; — sua avaliação 4:557,7980 rs.

Mocambo — com 3 leg. de extensão e 1 de largo, 9 escravos, e 200 cabeças de gado; — sua avaliação rs. 2:170,7160.

Cachoeira — com 4 leg. NS, e 1 e meia de LO; 29 escravos, 23 cavallos, e 1,000 cabeças de gado; — sua avaliação rs. 6:579,7000.

Espinhos — com 4 e meia legoas NS, e 1 de LO; 47 cavallos, 23 escravos, e 2,700 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 10:340,7640.

Julião — com 5 leg. NS, e quasi 14 EO; 23 escravos, 43 cavallos, e 1:200 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 7:999,7240.

Residencia (*) — com uma capella e seus pertences, e 26 escravos; — sua avaliação rs. 2:474,7063.

Inspecção do Canindé.

Ilha — com 2 leg. NS, e 2 e meia de LO; 25 escravos, 91 cavallos, e 3:000 cabeças de gado de toda a sorte; — sua avaliação rs. 12:890,7560.

Pobre — com 3 leg. NS, e 2 LO; 20 escravos, 69 cavallos, e 3:000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 9:725,7480.

Baixa dos veados — com 21 escravos e 700 bestas alótadas; — sua avaliação 6:983,7200.

Sítio — com 2 leg. NS, e 2 LO; 28 escravos, 73 cavallos, e 2,500 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 9:203,7520.

Tranqueira — com 3 e meia leg. NS, e 3 LO; 17 escravos, 83

(*) Está situada nas terras das fazendas Brejinho e Cachoeira.

cavallos, e 3,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 10:186,7960.

Poções — com 4 leg. de extensão, e 2 de largura; 36 escravos, 97 cavallos, e 3,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 15:431,7840.

Sacco — com 4 leg. NS, e 4 de LO; 22 escravos, 90 cavallos, e 4,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 12:727,7210.

Saquinho — com 14 escravos, e 500 bestas; — sua avaliação rs. 4:821,7320.

Castello — com 2 leg. NS, e 2 de LO; com 26 escravos, 110 cavallos, e 6,000 cabeças de gado; — sua avaliação rs. 24:811,7800.

Bority — com 2 leg. NS, e 1 e meia de LO; 15 escravos, 61 cavallos, e 2,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 8:286,7040.

Campo-grande — com 4 leg. NS, 33 escravos, 98 cavallos, e 4,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 18:484,7220.

Campo-largo — com 5 leg. de extensão, 43 escravos, 85 cavallos, e 5,000 cabeças de gado vaccum; — sua avaliação rs. 23:681,7560.

Residencia do Canindé situada nas terras da fazenda Campo-largo — com uma capella, e 32 escravos; — sua avaliação rs. 3:798,7760.

Os gados d'estas fazendas eram, como hoje, arrematados em hasta publica, e o seu producto recolhido ao thesouro. Essa renda de 1770 a 1788 importou em rs. 76:945,7920. — Pelo inventario de 1782 se conheceu que as tres inspecções possuíam 489 escravos, 1,010 cavallos, 1,860 bestas, 50,670 cabeças de gado vaccum, e todas as fazendas eram então avaliadas em 179:787,7000 rs. A exportação do gado de 1813 a 1821 montou em 14,169 cabeças de gado vaccum, e 504 de cavallar, distribuidas pelo modo seguinte :

1813.	1.254 bois.	
1814.	1.661 »	70 poldros
1815.	1.750 »	
1816.	1.076 »	176 »
1817.	1.332 »	
1818.	1.993 »	149 »
1819.	2.202 »	
1820.	982 »	109 »
1821.	1.819 »	

Em 1822 a escravatura subia ao numero de 686; o gado vaccum era calculado em 45,643 cabeças, e o cavallar em 6,640 cabeças. As estatisticas de 1825 offerecem o seguinte calculo —

Escravos	399	
Escravas	402	781
Gado vaccum	49.264	cabeças
Gado cavallar	3.693	»
Produção annua do gado vaccum.	12.266	cabeças.
Produção annua do cavallar	908	»

A distribuição d'este calculo pelas tres inspecções foi feita da seguinte maneira:

Inspecção do Canindé.

Escravos	163
Escravas	160
Numero de cabeças de gado vaccum	23.800
» » » » » cavallar	1.705
Bezerros que amansa annualmente.	5.950
Poldros » » » » »	500
Fazendas	12
Legoas de extensão das 12 fazendas	41
Legoas de largura das mesmas	25

Inspecção de Nazareth.

Escravos	115
Escravas	123
Numero de cabeças do gado vaccum	14.600
» » » » » cavallar	1.137
Bezerros que amansa annualmente.	3.600
Poldros » » » » »	288
Fazendas	11
Legoas de extensão das 11 fazendas	52
Legoas de largura das mesmas	23

Inspecção do Piauihy.

Escravos	101
Escravas	111
Numero de cabeças de gado vaccum	10.864
» » » » » cavallar	711
Bezerros que amansa annualmente	2.716
Poldros » » » » »	120
Fazendas	12
Legoas de extensão das 12 fazendas	52
Legoas de largura das mesmas	23

Com o casamento da princeza imperial a Sr.^a D. Januaria, a inspecção do Canindé passou a fazer parte de seu dote, e de então para cá tem sido administrada por particulares, que a tem reduzido ao mais deploravel estado. As outras inspecções tambem não tem prosperado; se compararmos a sua estatistica actual com a de 1825, acharemos um grande augmento na escravatura, e augmento absoluto na produção do gado cavallar, ao passo que o gado vaccum tem soffrido grande decrescimento, sendo isto tanto mais para estranhar quanto é certo que as fazendas do Piauihy e Nazareth não são sujeitas á secca pelas vantajosas posições em que se acham situa-

das. Esse decrescimento do gado vaccum torna-se bastante sensivel se compararmos a exportação dos primeiros annos com a que se faz hoje. As duas inspecções dão para a arrematação annual de 900 a 1,000 cabeças de gado vaccum. Se examinarmos as exportações dos annos de 1770 a 1788, não acharemos a mais pequena differença. Vejamos a exportação d'esses 18 annos (*).

Annos	Piauhy	Nazareth	Total
1770.	450 bois . .	419 bois . .	869
1771.	617 » . .	492 » . .	1,109
1772.	326 » . .	505 » . .	831
1773.	543 » . .	504 » . .	1,047
1774.	579 » . .	547 » . .	1,126
1776.	794 » . .	501 » . .	1,295
1777.	642 » . .	255 » . .	897
1778.	568 » . .	497 » . .	1,065
1779.	591 » . .	0 » . .	591
1780.	590 » . .	569 » . .	1,159
1781.	305 » . .	302 » . .	607
1782.	597 » . .	546 » . .	1,143
1783.	575 » . .	550 » . .	1,125
1784.	627 » . .	270 » . .	897
1785.	237 » . .	0 » . .	237
1786.	725 » . .	971 » . .	1,696
1787.	250 » . .	0 » . .	250
1788.	513 » . .	752 » . .	1,265

Os bois da inspecção do Piauhy como melhores são estimados hoje em 15 $\frac{1}{2}$ e 16 $\frac{1}{2}$, e os de Nazareth em rs. 13 $\frac{1}{2}$ e 14 $\frac{1}{2}$, regulando-nos pelas arrematações de 1852, 1853 e 1854. A arroba-

(*) A inspecção do Canindé exportou nesses dezoito annos 16,121 cabeças de gado no valor de 39:567,750 rs. vendidos os bois a 2,454 rs. pouco mais ou menos. A inspecção do Piauhy exportou 7,700 cabeças á razão de 2,858 rs., importando toda a exportação em rs. 16:824,8090.— Nazareth exportou 9,711 cabeças no valor de rs. 20:554,8080, e á razão de rs. 2,8116.

ção em razão da variedade do pasto é, termo medio, de 9 arrobas. O pagamento da arrematação é effectuado no prazo de dous annos, assignando o arrematante letras afiançadas. Para a entrega das boiadas, que tem de seguir para a Bahia, procede-se a rol de porteira na fazenda Julião, ultima da inspecção do Piauhy, e na fazenda Serra para entrega das boiadas, que tem de ser exportadas para o Maranhão. — E' esta a historia das fazendas nacionaes, fundadas por Domingos Affonso Certão, e sequestradas aos jesuitas, que as administravam. Pela seguinte estatistica se conhece com muita particularidade o estado, em que presentemente essas fazendas se acham em tudo o que lhes diz respeito.